

saber cooperar

A revista do Cooperativismo

44 Sistema OCB

Ano VI nº 22 NOV/DEZ 2017

O Brasil que cresce

22

É VER PRA CRER

Descubra como
uma cooperativa
é capaz de transformar
a realidade de cinco
municípios de uma só vez

34

PENSE GRANDE

Sua cooperativa
pode ser eterna.
Invista hoje
nos líderes do
amanhã



42

DIFERENTES, COM ORGULHO

Sistema OCB
lança movimento
de valorização e
reconhecimento
do cooperativismo
brasileiro



SESCOOP

Ano VII nº 22 NOV/DEZ 2017

ISSN 2317-5109

Sescoop Conselho Nacional

Márcio Lopes de Freitas – presidente

REPRESENTANTES OCB

Região Centro-Oeste

Celso Ramos Régis – titular

Márcia Ionne Ramos Behnke – suplente

Região Norte e Nordeste

Ricardo Benedito Khouri – titular

Malaquias Ancelmo de Oliveira – suplente

Região Sudeste

Ronaldo Ernesto Scucato – titular

Carlos André Santos de Oliveira – suplente

Região Sul

Luiz Vicente Suzin – titular

Leonardo Boesche – suplente

Conselheiros representantes dos empregados em cooperativas

João Edilson de Oliveira – titular

Luizita Fonseca Leite Pina – suplente

REPRESENTANTES DO EXECUTIVO

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

Najara Flauzino Ferro – titular

Ministério da Fazenda

Aumara Bastos Feu Alvim de Souza – titular

Andréia Lúcia Araújo da Cruz de Carvalho –
suplente

Previdência Social/Ministério da Fazenda

Dênio Aparecido Ramos – titular

Alex Pereira Freitas – suplente

Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão

Carla Silva Simões – titular

Roberta Carolina Rios Bosco Soares –
suplente

Ministério do Trabalho

Natalino Oldakoski – titular

Ricardo Costa Gonçalves – suplente

CONSELHO FISCAL REPRESENTANTES DA OCB

José Arilo Carneiro Pereira – titular

André Pacelli Bezerra Viana – titular

Jeferson Adonias Smaniotto – suplente

Ary Célio de Oliveira – suplente

Conselheiros representantes dos empregados em cooperativas

Evaristo Lunz Gomes – titular

REPRESENTANTES DO EXECUTIVO

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

Pedro Alves Corrêa Neto – titular

Thiago Vinicius Pinheiro da Silva – suplente

Ministério da Fazenda

Ricardo da Costa Nunes – titular

Luciana Maria Rocha Moreira – suplente

Previdência Social/Ministério da Fazenda

Benedito Adalberto Brunca – titular

Emanuel de Araújo Dantas – suplente

SISTEMA OCB

No Brasil, o movimento cooperativista é
representado oficialmente pelo Sistema OCB,
composto por três entidades complementares:

- Confederação Nacional das Cooperativas (CNCoop) – órgão de representação sindical das cooperativas, composto também por federações e sindicatos.
- Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) – entidade representativa do cooperativismo no País, responsável pela promoção, fomento e defesa do sistema cooperativista em todas as instâncias políticas e institucionais, no Brasil e no exterior.
- Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop) – integrante do “Sistema S”, responsável pela formação profissional, pela promoção social e pelo monitoramento das cooperativas brasileiras.

A revista Saber Cooperar é uma publicação do
Sistema OCB, de responsabilidade
do Sescoop, distribuída gratuitamente.
Endereço: Setor de Autarquias Sul – SAUS
Qd. 4 Bloco “I”, CEP: 70070-936 –
Brasília-DF (sil) * Tel.: +55(61) 3217-2119
e-mail: revistasabercooperar@sescop.coop.br

Gerente de Comunicação

Daniela Lemke

Conselho Editorial

Fernando Ripari, Juliana Gomes de

Carvalho, Karla Oliveira, Malaquias

Ancelmo de Oliveira, Nelson Claro, Renato

Nobile, Rosana Vargas, Samuel Zanello

Milléo Filho e Tânia Zanella

Jornalista responsável

Gisele James

Colaboração

Gabriela Prado

Projeto gráfico, diagramação, redação edição executiva, revisão e arte-finalização

Bertoni Comunicação e Design

Edição

Guaíra Flor

Reportagens

Farol Conteúdo Inteligente:

- Carin Leinig
- Freddy Charlson
- Guaíra Flor
- Kelly Ikuma
- Lilian Beraldo
- Sueli Montenegro

Diagramação

Ronald Andrade

Fotografia

- Ronald Andrade (Credichapada)
- Istock
- Sistema OCB

Revisão

Ana Paula Reis

Tiragem

12 mil exemplares

Impressão

Marina Artes Gráficas e Editora Limitada

Esta é uma publicação produzida com
recursos do Sescoop.



Amigo cooperativista,

Para marcar o lançamento do Movimento SomosCoop e do 2º Censo do Leite, preparamos uma edição especial da Saber Cooperar. Nossa revista chega repaginada, com uma diagramação mais moderna e uma nova maneira de falar sobre o nosso movimento. Afinal, inovação tem tudo a ver com o cooperativismo.

O Censo do Leite mostra o que mudou na produção cooperativista, considerando um intervalo de dez anos (2005-2015). O grande destaque da pesquisa – realizada pelo Sistema OCB em parceria com a Embrapa Gado Leite – foi a consolidação da Região Sul como a nova fronteira do leite no Brasil. Hoje, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul concentram os maiores e mais eficientes parques com capacidade instalada para o beneficiamento do leite do País.

Esta edição traz, ainda, uma matéria especial sobre como uma única cooperativa é capaz de transformar as vidas de milhares de pessoas. A estrela dessa reportagem é a Sicoob Credichapada, localizada no município de Chapada Gaúcha, no interior de Minas Gerais. Superatuante na região, a entidade aprovou uma lei municipal para tornar o ensino de cooperativismo e empreendedorismo obrigatório nas escolas públicas da região. O projeto deu tão certo que está sendo considerado um exemplo de educação financeira para o Banco Central do Brasil e para todo o sistema cooperativista.

Outra reportagem que nos deixou empolgados trata de um tema

importantíssimo para nossas cooperativas: a sucessão. Pela primeira, mostramos de forma clara que a política de sucessão não tem nada a ver com idade. Trata-se tão somente de uma metodologia comprovadamente eficaz de gestão empresarial, baseada na capacitação de talentos. Como bem explicou Íris de Castro, gerente executiva de grandes organizações da Fundação Dom Cabral, a sucessão nasce do compromisso do atual líder da cooperativa com a perpetuação e a sustentabilidade do negócio.

Além disso, trouxemos uma entrevista visionária com Roberto Rodrigues. Nosso líder maior defende um novo olhar sobre o movimento, com foco na sustentabilidade e na divulgação das cooperativas urbanas – já que as rurais são amplamente conhecidas. Outros temas abordados, nesta edição, foram a importância da inovação para as nossas cooperativas e as oportunidades que se abrem para o nosso setor com a expansão da geração de energia renovável no Brasil.

Por fim, convidamos você a vestir conosco a camisa do SomosCoop, um movimento nacional de valorização e reconhecimento do cooperativismo brasileiro. Abrace essa ideia e mostre ao mundo por que vale muito a pena ser cooperativista.

Boa leitura!

Saber Cooperar



22

Especial

*Conheça a história da cooperativa
que mudou a realidade de cinco
municípios no interior de Minas*



34

Governança

*Prepare sua cooperativa
para o futuro: ela tem
tudo para ser eterna*



14

Nosso Brasil

*Boas notícias: estamos
preparados para gerar energia renovável
para 1,8 milhão de brasileiros*



54

Perfil

Gilson Camboim está ajudando a mudar a imagem do ramo mineral no Brasil



Cooperando

Conheça os principais resultados do novo censo do leite

46

4

Entrevista

Roberto Rodrigues defende um novo olhar sobre o cooperativismo

42

Boas Práticas

Fique por dentro do lançamento SomosCoop

8

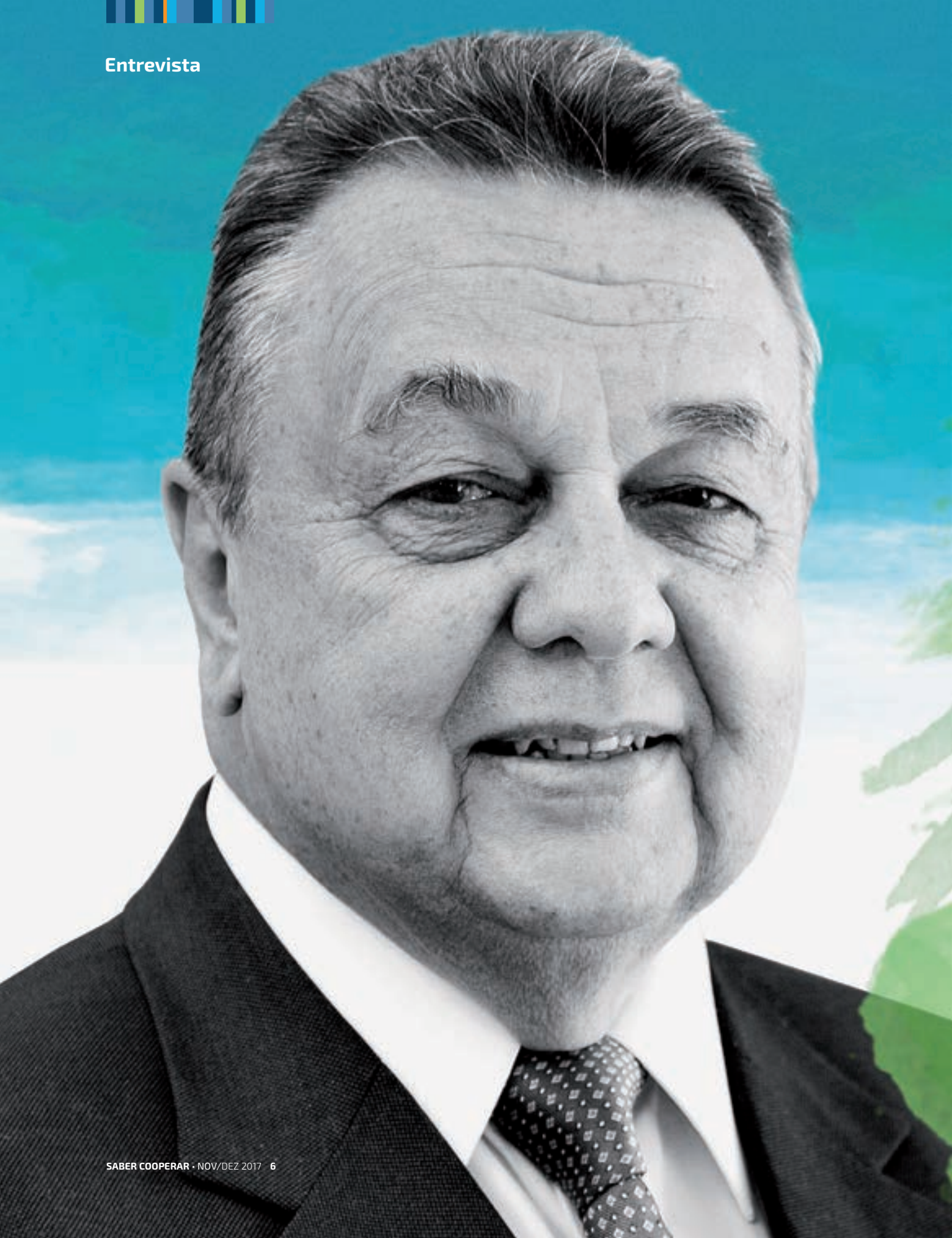
Inovação

Entenda por que a segunda ideia é sempre a mais inovadora

60

Conexão Cooperativista

O que as pessoas estão falando sobre o cooperativismo no Brasil



Em entrevista exclusiva à revista Saber Cooperar, Roberto Rodrigues explica por que é preciso mostrar ao Brasil que as cooperativas são o futuro não só do campo, mas também das cidades.

A hora e a vez das cooperativas urbanas

Ele é um dos maiores nomes do cooperativismo mundial, reconhecido dentro e fora do País por seu conhecimento sobre o assunto e sua capacidade de oratória. Ministro da Agricultura por três anos (2003-2006), Roberto Rodrigues também foi presidente da Aliança Cooperativa Internacional (ACI) e do Sistema OCB.

Em entrevista à revista Saber Cooperar, Rodrigues explica que – quando o assunto é cooperativismo – ainda há no Brasil uma inevitável associação ao

ambiente rural. “Isso é algo natural, visto que algumas cooperativas agropecuárias do Brasil figuram entre as principais do mundo e são as grandes responsáveis pela geração de emprego, renda e bem-estar de milhares de brasileiros”, explica. “O que precisamos, agora, é mostrar que o cooperativismo é um excelente modelo de negócios não apenas para o campo, mas também para as grandes cidades. Chegou a hora de falarmos sobre a força e sobre a importância das cooperativas urbanas”.



► Confira, a seguir, um pouco do pensamento de Rodrigues sobre o futuro do cooperativismo no Brasil:

COOPERATIVAS URBANAS

"Estamos no momento das cooperativas urbanas: de trabalho, de consumo, de saúde, de educação, de habitação, de transporte e de crédito. O sucesso dessas cooperativas, no cenário econômico brasileiro, se dá, também, pela vertente social desses empreendimentos, que buscam melhorar as vidas não apenas dos cooperados, mas de toda a comunidade. Além disso, nessas cooperativas, o risco é muito menor do que em outras instituições, já que o cooperado é ao mesmo tempo mutuário, usuário e investidor. Por isso, a gestão do negócio é mais equilibrada e optamos por resultados seguros, preferindo investimentos de menor risco."

GESTÃO PROFISSIONAL

"Ao contrário do que muitas pessoas pensam, as empresas cooperativas são extremamente profissionais e não têm nada de amadorismo em sua gestão ou em seus processos produtivos. Uma das premissas do nosso movimento é ser economicamente viável. Para sobreviver

neste mercado capitalista, nossas empresas buscam ser cada vez mais competitivas, o que está intrinsecamente relacionado aos nossos processos de produção, sejam eles tecnológicos, sejam eles de qualificação de mão de obra."

SUCESSO NO CAMPO

"A experiência das cooperativas do agronegócio é um excelente exemplo de como é fazer parte do universo cooperativista. A maior parte delas nasceu simplesmente por conta da necessidade – princípio básico para o surgimento de uma cooperativa –, para viabilizar a sobrevivência de muitos pequenos agricultores que não tinham como competir com as grandes empresas. Mas elas cresceram, profissionalizaram-se e estão aí fazendo bonito no Brasil e no mundo, comprovando que o modelo cooperativista é próspero e extremamente competitivo."

INCLUSÃO SOCIAL

"Mais do que qualquer outra empresa, as cooperativas ajudam a promover a inclusão social e a redução da concentração das riquezas no País. Tudo isso sem abrir mão de resultados, pois temos o compromisso de gerar uma fonte de renda para nossos cooperados. A diferença é que temos, por princípio, o dever de colaborar com a promoção da qualidade de vidas das pessoas. Não estamos preocupados somente com o capital."

“As cooperativas são a face humana do mercado, e o futuro delas, no Brasil, é de crescimento.”

IMPACTO DAS NOVAS TECNOLOGIAS

"As novas tecnologias vêm promovendo uma mudança no comportamento social e político das pessoas. As redes sociais e as tecnologias da informação as conectam e têm dado respostas muito rápidas aos questionamentos e anseios delas. O modelo cooperativista, por ser ágil e plural, é o que melhor se adequa aos tempos atuais, nos quais há a exigência de estratégias e ações que sejam ao mesmo tempo flexíveis e velozes".

“A nova democracia busca a distribuição de renda e o pleno emprego. E um dos caminhos mais seguros para se alcançar tudo isso é o cooperativismo.”

PONTE PARA O BEM-ESTAR

"Durante algum tempo, enquanto o mundo estava polarizado entre o capitalismo e o socialismo, o cooperativismo foi visto como uma terceira via para o desenvolvimento. Com o fim dessa disputa, as cooperativas se transformaram em uma ponte que liga o mercado ao bem-estar social. Por isso, no futuro, o cooperativismo vai se tornar ainda mais importante."

GOVERNANÇA ÁGIL

"Na doutrina cooperativista, os cooperados não elegem uma pessoa para gerir os negócios. Eles elegem uma proposta de ação, de ideias, que pode ser rapidamente adequada às novas realidades, seguindo a vontade da maioria. A governança é muito mais positiva e participativa. É dinâmica. Se as condições mudam, a proposta se adequa."

A HISTÓRIA SE REPETE

"As cooperativas nasceram para proteger as pessoas, criando uma nova alternativa de trabalho e renda para milhares delas que estavam perdendo o emprego após a Revolução Industrial, ocorrida na Inglaterra. Naquele tempo, as máquinas roubaram os postos de trabalho de milhares de trabalhadores e os largaram à própria sorte. Motivados pela necessidade de subsistência, eles se uniram em cooperativas para enfrentar o novo sistema que surgia: o capitalismo. Agora, a economia mundial está novamente em crise. As novas tecnologias estão eliminando novamente postos de trabalho e as cooperativas, mais uma vez, podem ajudar a melhorar as vidas de milhares de pessoas".

REPRESENTAÇÃO COM RESULTADOS

"O cooperativismo está crescendo e evoluindo de forma intensa, e muito desse resultado é, sem dúvida, fruto do trabalho do Sistema OCB, que é exemplo de como a doutrina do cooperativismo pode beneficiar as pessoas e, ao mesmo tempo, promover o desenvolvimento da economia".



Conselhos de quem saiu da caixinha

Para sobreviver em um mercado cada vez mais competitivo, cooperativas devem investir na criatividade dos cooperados e funcionários, motivando-os a gerar soluções disruptivas.

Pensar fora da caixa, mergulhar no mundo da imaginação, reinventar-se. Expressões que bem definem como uma cooperativa deve agir para enfrentar a forte concorrência do mercado e vencer a atual crise econômica que assola o País. O conselho veio de grandes pensadores nacionais e internacionais, especializados em inovação e estratégia de negócios, que participaram em outubro do World Coop Management 2017 – congresso que focou nas temáticas competitividade, inovação e tecnologia.

O evento, realizado em Belo Horizonte (MG), reuniu oito palestrantes e mais de 300 lideranças cooperativistas de todo

o Brasil. Foram dois dias de imersão total no universo criativo e no autoconhecimento, onde os participantes iam além de mero expectadores. Eles estavam ali para fazer parte do processo. Como bem ressaltou o anfitrião do evento, o presidente da Organização das Cooperativas do Estado de Minas Gerais (OCEMG), Ronaldo Scucato, a maturidade deu ao movimento cooperativo plenas condições de propor ideias inovadoras. “Com lideranças capacitadas, continuaremos crescendo e mostrando para a sociedade que o cooperativismo é a mola propulsora da economia do País”, frisou.



► INOVAÇÃO SE FAZ COM PESSOAS

Na opinião de Ari Piovezani, PhD em Transformação Humana e Inovação pela New York University, a criatividade é a chave para alavancar os negócios, e o personagem principal para essa mudança é o ser humano. “Temos de investir mais no talento das pessoas, mas, infelizmente, no mundo capitalista, usa-se apenas 20% do que um profissional pode oferecer para uma empresa”, enfatizou.

Mudar esse cenário é a luta desse provocador de mudanças. Ele defende a necessidade de redescobrir as pessoas naquilo que elas têm de melhor para, então, motivá-las na geração de soluções para os desafios da cooperativa. Porém os primeiros passos rumo à autodescoberta devem ser dados pelos líderes das organizações. “Inovação é sinônimo de mudança. Quer inovar, então esteja preparado para mudar”, ressaltou Piovezani.

Uma das formas de rumo à inovação é incentivar os funcionários de diversas áreas na participação da resolução dos problemas da empresa. “Não precisamos necessariamente passar uma questão de química para um químico resolver. Às vezes, uma pessoa de outro setor pode ter um *insight* e descobrir a resposta mais rapidamente”. Para Piovezani, compartilhar conhecimento é criar ambientes realmente inovadores.



“ **Inovação é sinônimo de mudança. Quer inovar, então esteja preparado para mudar.** ”

Ari Piovezani

“As melhores ideias vêm das pessoas que menos esperamos.”

James Bannerman



SEJA DIFERENTE

Resgatar o estado criativo perdido ao longo do tempo é a missão do consultor de inovação e autor dos *best sellers* *Genius* e *Business Genius*, James Bannerman. “Pesquisas mostram que 95% das crianças até cinco anos de idade são criativas, mas mudam ao passar do tempo por conformidade, pela necessidade de serem como os outros. Meu trabalho é reverter esse quadro”, diz.

No caso das empresas, o especialista indica cinco formas para se ter novas ideias pelo método C.A.N.D.O.:

1. *New Conexions* (novas conexões) – ter contato com pessoas de diferentes setores de seu empreendimento;
2. *New Alterations* (novas alterações) – mudar o formato do projeto, os padrões, os objetos do lugar;
3. *New Navigations* (novas navegações) – ser um líder mais observador aos fatos e pessoas);
4. *New Directions* (novas direções) – mudar a ordem e a sequência do pensamento. Uma forma simples de fazer isso é, em

vez de pensar na solução de um problema, pensar no que deu início a ele;

5. *New Oppositions* (novas oposições) – quebrar as regras e considerar novas alternativas possíveis.

“O segredo é mudar antes de precisar mudar. Pensar no futuro antes de precisar pensar no futuro”, aconselha Bannerman. O consultor lamenta o fato de a maioria dos líderes pensar em inovação quando suas empresas já estão com problemas. “Muitos focam nos próprios umbigos, mas as melhores ideias vêm das pessoas que menos esperamos”, releva. “Por isso, devemos pensar na organização como um todo”.

Bannerman aconselhou, ainda, todos os participantes a manterem acesas a chama da insatisfação, buscando novas soluções para problemas cotidianos. “O segredo é buscar sempre a segunda resposta correta”, recomenda. “Em vez de se contentar com a primeira solução encontrada, é preciso pensar na próxima melhor ideia e, assim, sair da linha que todos os seus concorrentes já estão pensando em seguir”.



EM NÚMEROS WORLD COOP MANEAGEMENT

3ª

edição do evento

8

palestrantes

300

líderes cooperativistas de todo o
Brasil prestigiaram o congresso

22

horas de aprendizagem

2018

O tema do próximo encontro
será “Competitividade e
Sustentabilidade”. O evento
será novamente patrocinado
pelo Sistema OCENMG

► MÁGICA EM SERVIÇOS

Mesmo no mundo da magia, o ser humano é colocado em primeiro plano quando o assunto é crescimento empresarial. Durante 17 anos a serviço da Walt Disney Company, Jim Cunningham, guru no tema excelência em serviços, leva com ele a lição aprendida com o Walt Disney: “Você pode sonhar, criar e construir o lugar mais maravilhoso do mundo, mas é preciso pessoas para tornar o sonho uma realidade”.

Para ele, uma cooperativa moderna tem de estar aberta a ideias e encorajar os líderes a pensar em soluções disruptivas (veja quadro). “Não existe nenhum segredo para o sucesso, além de trabalho duro, determinação e dedicação”, enfatizou o também autor do livro Wow. Segundo ele, as cooperativas não podem parar no tempo. “Se você chegar ao topo e disser que não precisa fazer mais nada, você já está descendo”.

Um dado curioso revelado por Cunningham: o cliente é influenciado 10% pelo produto que vai consumir e 90% pelo serviço recebido. É por isso que, na cultura Disney, o cliente é tratado como convidado. “Quando recebemos uma visita, limpamos a casa, compramos a melhor comida, damos boas-vindas, e é assim que devemos tratar o cliente”, disse o guru, que completou ser a recompra a única prova real de fidelização. ►

▶ OS SEIS ESTÁGIOS DA DISRUPÇÃO

Você já entendeu o significado da nova palavrinha mágica do mercado da inovação? Pois *disrupção* quer dizer romper com os padrões, criando produtos acessíveis para novos mercados de consumidores, abalando as estruturas já existentes. Foi o que aconteceu, por exemplo, com a Netflix. Quando o serviço de *streaming* foi lançado, as locadoras de vídeo e redes de televisão bocejaram.

Quem aguentaria ficar dois dias em frente à televisão assistindo a um mesmo seriado? Pois não é que esse novo modelo de consumo de vídeos deu certo! Hoje, os mesmos executivos que deram risada da Netflix tentam reproduzir esse modelo de negócios em suas empresas. Entenda, agora, os seis estágios da *disrupção*.

ESTÁGIO

Digitalização

1

Quando um processo ou produto é digitalizado – passando do meio físico para o meio digital –, ele adquire poder exponencial, podendo ser comercializado sem limitação geográfica, em uma velocidade impressionante.

ESTÁGIO

Desmonetização

4

As tecnologias disruptivas têm capacidade de tornar um produto ou serviço até então caro em algo barato (ou até mesmo gratuito). O Spotify desmonetizou a indústria de música. E é preciso estar atento se o seu modelo de negócios corre o risco de ser desmonetizado também.

2

ESTÁGIO

Decepção

A primeira versão de um produto disruptivo normalmente é caro e não tem todas as funcionalidades desenhadas. Por isso, é considerada irrelevante para o mercado e cresce em um ritmo lento. Quer um exemplo? O iFood demorou quase três anos para conquistar os consumidores, mas hoje é o aplicativo de restaurantes mais popular da América Latina.

ESTÁGIO

Desmaterialização

5

Depois que um produto é digitalizado, uma série de objetos até então fundamentais para nossas vidas deixa de existir. É o caso das câmeras fotográficas, gravadores de voz, aparelhos de CD e calculadoras, que hoje quase não existem individualmente. O mais comum é encontrá-los acoplados aos nossos *smartphones*.

ESTÁGIO

Disrupção

3

É o momento em que a tecnologia fica mais barata, ganha qualidade e se torna aceita. É quando surge condições de o novo produto criado suplantará o anterior.

ESTÁGIO

Democratização

6

É a etapa final da *disrupção*: o momento em que a nova tecnologia fica acessível a todas as pessoas. É quando objetos físicos são transformados em *bits* e inseridos em uma plataforma digital, sendo compartilhados em uma escala tão alta que seu preço se aproxima de zero.

Fonte: Peter Diamandis, criador da Singularity University, escola de inovação mais famosa do mundo, localizada no Vale do Silício. ■



O futuro da energia: limpa, renovável e colaborativa

Avanço de fontes renováveis gera novas oportunidades de negócios para as cooperativas do ramo infraestrutura. Hoje, são 95 projetos de geração, com capacidade para atender 1,8 milhão de brasileiros.



Iniciativas nas quais a geração de energia é feita pelos próprios consumidores (no sistema de compensação de energia), com base nas fontes renováveis de energia (em especial a solar fotovoltaica). Esse tipo de projeto reduz a necessidade de estrutura de transmissão elétrica, evita perdas e reduz o custo tanto da produção quanto do consumo da energia.

A energia brasileira precisará navegar em novas águas. Hoje, 70% de toda a energia gerada no Brasil vem das grandes hidrelétricas e também dos geradores regionais, que levam luz a milhares de famílias no interior do País. Só existe um problema: essa fonte vital de energia está cada vez mais escassa por conta das mudanças climáticas, do desmatamento, da poluição e da grilagem de terras. Por isso, o governo federal e a iniciativa privada – incluindo-se aí as cooperativas – estão trabalhando para encontrar novas formas de suprir as demandas energéticas do País. A prioridade de ambos é ampliar a

geração de energia limpa ou renovável, ou seja, da energia gerada por matérias-primas não poluentes, inesgotáveis e disponíveis em grande abundância no País, tais como o sol, o vento e os resíduos orgânicos.

Essas “novas” fontes renováveis de energia elétrica começam, aos poucos, a impulsionar o crescimento de projetos de **geração distribuída** e a abrir oportunidades para as cooperativas do ramo infraestrutura. Atualmente, o setor conta com 95 empreendimentos, que representam cerca de 250 MW de capacidade instalada – o suficiente para atender 1,8 milhão de brasileiros (en- ►



O termo biomassa engloba todos os derivados de organismos vivos utilizados para a produção de energia ou de combustíveis. Incluem-se aí todos os resíduos sólidos naturais ou resultantes da atividade humana, tais como o lixo doméstico e os subprodutos da pecuária e da agricultura, como o bagaço da cana e os estercos de gado.

► tenda o cálculo na pág. 19). Vale destacar: o potencial de geração de energia do cooperativismo é ainda maior. Segundo estudos da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), é possível dobrar a capacidade de produção desses empreendimentos para cerca de 500 MW nos próximos dez anos.

As cooperativas em operação, hoje, trabalham com diferentes fontes, majoritariamente renováveis. Incluem-se aí pequenas centrais hidrelétricas e usinas de **energia de biomassa**. As primeiras contabilizam 24 pequenas centrais hidrelétricas (PCHs) ligadas às cooperativas de geração. Essas entidades têm 126 MW de potência instalada distribuída em vários empreendimentos. Cooperativas agropecuárias, que exploram as possibilidades proporcionadas pelo próprio negócio, têm outros 119 MW de capacidade instalada.

Nesse ambiente de fontes tradicionais, o futuro começa a parecer promissor tam-

bém para renováveis, como centrais geradoras eólicas e solar fotovoltaicas. Já existem, nesse nicho de mercado, 49 projetos de mini e microgeração distribuída instalados, com 5,1 MW de potência.

O PODER DA INTERCOOPERAÇÃO

Os benefícios das fontes renováveis são evidentes tanto para os cooperados quanto para as comunidades onde novas plantas de geração podem ser instaladas. Para início de conversa, essa modalidade de energia não produz dióxido de carbono ou outros gases do “efeito de estufa”. Com isso, preserva-se o meio ambiente e melhora-se a qualidade de vida de toda a comunidade envolvida. Além disso, essas cooperativas permitem a criação de novos postos de emprego e ainda ajudam a aquecer a economia local. ►

► “Com o aumento considerável no preço da energia por diversos fatores, inclusive escassez de crédito, cada vez mais pessoas e cooperativas buscarão fontes de energia alternativas”, prevê Marco Morato, analista responsável pelo ramo infraestrutura, na OCB. Para ele, as cooperativas clássicas de geração de energia têm o desafio de ampliar a capacidade atual em cerca de quatro vezes. Com o crédito adequado, explica Morato, essas entidades seriam capazes de gerar de 20% a 25% da energia do País, em um período de cinco a dez anos, considerando a projeção de crescimento de 500 MW.

O potencial de crescimento da energia gerada pelas cooperativas é ainda maior se forem considerados os projetos de geração distribuída regulamentados pela Resolução nº 482, da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), que trata da micro e da minigeração. “Somos, dentro do Sistema OCB, mais de 7 mil cooperativas. Essas 7 mil têm, aproximadamente, 13 milhões de cooperados. Todas as cooperativas e seus cooperados são consumidores de energia. Então, para a geração distribuída, [o potencial de crescimento desses projetos] é um valor incalculável”, afirma o analista.

O presidente da Confederação Nacional das Cooperativas de Infraestrutura (Infracoop), Jânio Stefanello, lembra que a separação entre as atividades de distribuição e de geração de energia elétrica foi uma grande oportunidade para o cooperativismo. Ele conta que há mais de 15 projetos de pequenas hidrelétricas em andamento em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, estados que tiveram no passado muitas restrições à liberação desse tipo de empreendimento, mas evoluíram com o passar do tempo nos procedimentos de aprovação de novos projetos de PCHs.

“É importante lembrar a relevância de uma pequena central na própria geração distribuída. Nessas pontas, nesses lugares distantes que nós temos aqui no Rio Grande do Sul, ou nos outros estados onde estamos

atuando”, afirma Stefanello. O dirigente vê oportunidade também nos sistemas de geração fotovoltaica, que se colocam como um grande desafio em relação ao próprio futuro.

Para o presidente da Infracoop, é preciso enxergar, inclusive, o que está sendo feito no mundo em relação às novas tecnologias, para capturar modelos de negócio nos quais as cooperativas possam se habilitar para participar de leilões de energia, na questão da própria capitalização das entidades e na alavancagem dos empreendimentos.

O segredo, segundo ele, é a parceria com outras cooperativas, como já tem sido feito por muitos empreendedores. “Acho que os grandes parceiros das cooperativas de energia são as cooperativas de produção, que são vinculadas ao agronegócio e estão fazendo um grande trabalho aqui, no Sul do País e no estado de Mato Grosso do Sul. Estamos numa fase de desenvolver estudos, projetos, e buscar boas alianças estratégicas para nos capacitar, para atuar nesse mercado, melhorar a renda dos produtores e buscar ainda sustentabilidade para esses empreendimentos no longo prazo”, analisa.

A LUZ DO PARÁ

O presidente executivo da Associação Brasileira de Energia Solar Fotovoltaica (Absolar), Rodrigo Sauer, afirma que o melhor mecanismo para uso desse tipo de energia por condomínios, cooperativas e consórcios está na micro e na minigeração distribuída. Esses sistemas, lembra Sauer, permitem que o consumidor gere energia por conta própria no sistema de compensação, em um sistema de rateio proporcional ao investimento de cada participante.

Outra característica interessante do modelo de cooperativas é a possibilidade de o investimento ser feito não pelo consumidor, mas por uma empresa terceira que prestará serviço a esses cooperados não apenas com a instalação do empreendimento, mas

► ração e manutenção e, até mesmo, na gestão da própria entidade. “Criam-se aí novos modelos de negócios possíveis, novas oportunidades para os consumidores de reduzir os custos e os investimentos necessários para participar de um modelo de geração distribuída”, observa o dirigente da associação.

Sauaia destaca o potencial futuro da fonte solar e acredita que as primeiras pessoas físicas com retorno mais elevado para esse tipo de investimento estão na área urbana. Já existem muitas cooperativas de produção rural que querem fazer investimentos nesses sistemas, mas, no campo, argumenta, há a competição com uma tarifa que, muitas vezes, pode ser incentivada. “O desconto pode chegar a 80% do valor da tarifa de energia elétrica. Então, nessas condições, é difícil competir.”

Se a Região Sul é particularmente engajada em iniciativas de caráter cooperativista, o acompanhamento das mudanças tecnológicas e das oportunidades de produzir energia limpa a partir de fontes renováveis tem despertado o interesse de empreendedores de diferentes regiões do País. É o caso da Cooperativa Brasileira de Energia Renovável e Desenvolvimento Sustentável (Coober), de Paragominas, no Pará.

A cooperativa – fundada em fevereiro do ano passado por um grupo de pessoas interessadas em produzir energia de forma sustentável – alcançou resultados surpreendentes. “A gente passou a estudar juntos como criar a cooperativa, de forma bem conjunta, um trabalho bem colaborativo. E aí decidimos pela fonte solar, que seria a mais viável”, conta o presidente e idealizador da Coober, Raphael Vale.

A iniciativa contou com o apoio da Organização das Cooperativas do Pará (OCB/PA), que deu todo o apoio institucional e organizacional, e da DGRV, a federação alemã das cooperativas. Essa última enviou, inclusive, um técnico para conhecer o projeto e elaborar o estudo de viabilidade. O passo seguinte

foi fechar com um fornecedor dos equipamentos, implantar o sistema de microgeração solar distribuída de 75kWp e conectar a instalação à rede da Companhia Energética do Pará (Celpa), a distribuidora de energia local. Como esse tipo de empreendimento não pode vender o que é produzido, a energia injetada na rede gera um crédito, que é compensado com a energia usada da rede de distribuição.

O sistema instalado no distrito industrial do município de Paragominas gera energia para os 22 cooperados que bancaram o investimento. A produção é destinada 100% ao consumo residencial, segmento em que a tarifa da Celpa é mais alta. Na avaliação do fundador e presidente da Coober, a iniciativa valeu a pena. Especialmente porque a tarifa da distribuidora subiu mais do que os cooperados imaginavam. “Minha conta dava R\$ 600/R\$ 700 e hoje baixou para R\$ 160, R\$ 150”, afirma Raphael Vale. Hoje, ele participa de palestras e até presta consultoria a grupos de interessados em replicar a experiência. “Acho que mais pessoas têm que fazer isso. Até porque o futuro do setor elétrico passa por geração distribuída. Não que vá acabar a geração centralizada, mas é algo novo, com futuros sistemas locais de produção de energia que já estão desenvolvendo”, diz.

“Eu entendo que, na geração distribuída, as cooperativas são, de fato, a chave para poder potencializar esse mercado. Por quê? Porque as pessoas, boa parte da população, moram em apartamento. E boa parte da população mora em imóveis alugados. E tem outro pedaço que ainda vai mudar de residência. Então, se você tem um sistema em que participa de uma cooperativa, você apenas informa que mudou a unidade consumidora da casa tal para o apartamento tal, do apartamento tal para a cidade tal”, pondera o dirigente da Coober, que elogia a mobilidade que o cooperativismo traz a esse tipo de iniciativa. ►

De sol a sol.

► Experiências semelhantes à da Coober estão em construção no próprio Pará, no Rio Grande do Sul e no Distrito Federal. Em Brasília, um projeto apoiado pelo Sistema OCDF, que representa as cooperativas locais – e com vários parceiros envolvidos –, pretende produzir energia a partir da instalação de placas fotovoltaicas, que devem gerar até 75 kw de energia.

A presidente do Sistema OCDF, Márcia Behnke, lembra que a energia será lançada na rede elétrica da Companhia Energética de Brasília, e a compensação será feita pelos associados da cooperativa, de acordo com a participação de cada um no empreendimento. A expectativa é de que o sistema proporcione redução nas despesas dos cooperados com a fatura de energia, diz Márcia.

Há projetos tradicionais e mais antigos em operação, como o de cogeração de energia elétrica da Cooperativa Agroindustrial de Maringá (Cocamar), no Paraná, que gera energia de biomassa a partir do vapor produzido na unidade industrial. O responsável pela cogeração, Fernando dos Santos, conta que a cooperativa já usava vapor em seu processo industrial antes de 2009, ano em que se transformou em autoprodutor de energia, aproveitando a necessidade de ampliação da quantidade de vapor.

Santos conta que a energia produzida é usada na unidade industrial da Cocamar,

que pode gerenciar melhor seus contratos de compra de energia no mercado livre. “A capacidade nominal foi dimensionada para 100% da energia do complexo. Só que, daí, o que ela nos permite? Dar uma variação em relação ao custo da energia no mercado. Atualmente a energia que a gente consome é mercado livre. Então, existe uma certa volatilidade nesse mercado. O que acontece? O que a Cocamar pode fazer? Ela pode disponibilizar os contratos de energia que tem no mercado, aumentando ou não a geração. Então, eu posso atender a até 100% da minha necessidade. O maior benefício dela está aí, na maior flexibilidade em relação ao consumo”, detalha o técnico.

Com mais de 60 unidades operacionais no norte e noroeste do Paraná, oeste paulista e sudoeste de Mato Grosso do Sul, a Cocamar tem 13 mil associados, todos produtores rurais e 75% de pequeno porte. Fernando dos Santos diz que a cooperativa estuda como atender essas unidades com geração distribuída.

Santos acredita que a iniciativa de produzir energia em um projeto sustentável traz impacto positivo na vida das pessoas, e o maior benefício para a sociedade como um todo vem do próprio combustível usado: a biomassa. Para o cooperado, o impacto positivo seria essa flexibilidade em relação ao custo de energia. ►

CALCULADORA DE ENERGIA

A Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) calcula que:



NÚMEROS DA ENERGIA COOPERATIVISTA

Modalidades

95 cooperativas são autorizadas a produzir energia

245 MW de capacidade instalada

24 centrais hidrelétricas (PCHs) ligadas às cooperativas de geração (126 MW de potência instalada)

20 cooperativas do setor de agropecuária (119 MW), que geram energia principalmente à base de biomassa

50 projetos de mini e de microgeração distribuída, em sua maioria sistemas de energia solar fotovoltaica. Nessa lista se destacam 24 cooperativas de crédito (618 kw), 8 de produção agropecuária (555 kw) e 5 de compensação de energia (3.583 kw)

Projetos têm com foco a venda de energia no mercado ou a autoprodução

► O investimento em geração de energia por cooperativas tem como objetivo o auto-consumo ou a venda em leilões de energia no mercado regulado. A comercialização de contratos no mercado é a opção mais frequente, segundo o analista da Organização das Cooperativas Brasileiras, Marco Morato.

Quando alterações no modelo do setor elétrico determinaram a separação das atividades de geração e do serviço de distribuição de energia, 67 cooperativas de eletrificação – hoje classificadas como permissionárias ou autorizadas – passaram a ter como atividade exclusiva a distribuição de energia. Foi

daí que surgiram as cooperativas de geração, que tinham como foco a exploração de pequenas centrais hidrelétricas.

Morato aponta para o aumento no número de projetos de geração de energia destinada ao consumo próprio em cooperativas de ramos distintos. Esses projetos se enquadram nas regras da Agência Nacional de Energia Elétrica que tratam da micro e da minigeração distribuída. Todas as iniciativas, explica o analista, têm como objetivo gerar energia renovável e reduzir o custo da conta de luz para os cooperados.

Somos a força do cooperativismo brasileiro.

somoscoop 

VENHA COM A GENTE
somos.coop.br



O SomosCoop é um movimento que levanta a bandeira do cooperativismo no Brasil, despertando a consciência das pessoas para a sua importância e gerando orgulho naqueles que abraçam a causa. Acreditamos que é possível transformar o mundo em um lugar mais justo, feliz, equilibrado e com melhores oportunidades para todos. Queremos mostrar isso para todo mundo e promover engajamento à causa cooperativista.



SESCOOP

Serviço Nacional de Aprendizagem
do Cooperativismo

Crédito para o futuro



The background of the page is a photograph of several young people, likely students, working in a garden. They are wearing white t-shirts. In the foreground, a person's hand is visible holding a large, green leafy vegetable. The background shows a blue building with a window and a palm tree.

A história que você vai ler está servindo de modelo para o cooperativismo e também para o Banco Central do Brasil. Ela mostra como uma cooperativa é capaz de transformar, para sempre, as vidas de milhares de pessoas.

Sete da manhã, sol a pino, poeira a rodo. É cedo, faz calor e o pó incomoda, mas os estudantes da Escola Municipal Getúlio Inácio de Farias, encravada na Comunidade Marimbás, zona rural do município de Chapada Gaúcha, no norte de Minas Gerais, estão prontos para mais um dia de estudo. No programa, aulas de matemática, português, história, geografia, artes e cooperativismo. Sim, é isso mesmo que você leu: cooperativismo.

Os alunos da escola, dirigida por Marinho Neves, 42 anos, são moradores da própria comunidade Marimbás, além das comunidades de Pequi, Cabeçudo e Mangal. No dia a dia, eles aprendem sobre cooperativismo, empreendedorismo e educação financeira. Nessas aulas, descobrem como economizar dinheiro, comprar de maneira consciente, calcular juros e escolher, de forma responsável, o que fazer com os próprios recursos. ►



“Com as aulas de economia financeira e o trabalho prático na cooperativa, a gente ganha um conhecimento grande sobre como cuidar bem do nosso dinheiro”, elogia Kelly. “E o melhor de tudo: esse é um conhecimento que se leva para a vida.”

► A iniciativa ocorre graças ao Programa de Educação Cooperativa, Empreendedora e Financeira, um dos muitos projetos apoiados pela Sicoob Credichapada – cooperativa de crédito sediada na cidade e liderada pelo gaúcho Marcos Maier, 42 anos. Considerado referência nacional de educação financeira pelo Banco Central, o programa atende sete mil estudantes, em mais de 30 escolas públicas, nos municípios de Chapada Gaúcha, Urucuia, Pintópolis, São Francisco e Januária.

Em sala de aula, esses meninos e meninas estudam e aplicam os sete princípios cooperativistas (veja quadro), além de exercitar o comportamento empreendedor e a gestão das finanças pessoais. O conhecimento é aplicado de forma prática em cooperativas escolares – espécie de “laboratórios” para a vivência dos conceitos estudados a partir da produção e venda de produtos, com gestão dos alunos. Atualmente são duas: a Cooperativa Escolar União (Unicoop), na Escola Municipal Getúlio Inácio de Farias,

e a Cooperativa Escolar Moacir Cândido, da Escola Estadual Moacir Cândido (Coopermoc). A terceira está em processo de constituição, na Escola Estadual José Manoel Cirino, no Distrito de São Joaquim, em Januária (MG).

Eleita democraticamente presidente da Unicoop, a estudante Kelly Mendes, 17 anos, tem se empenhado em ajudar a cooperativa escolar a constituir um patrimônio. Somente em outubro do ano passado, ela e os outros cooperados – todos do ensino fundamental e médio – arrecadaram R\$ 3.500 com a venda de hortaliças, frutas, bolos, biscoitos, doces e artesanato, como bonecas de palha. O dinheiro foi reinvestido na própria escola e também na cooperativa. Depois de muito negociar com as empresas locais, eles conseguiram bancar a reforma do colégio, construir a sede da Unicoop, comprar móveis e eletrodomésticos, confeccionar camisetas e ainda montar uma horta comunitária.



“O que essa cooperativa fez e está fazendo, ao aplicar um dos princípios do cooperativismo no município de Chapada Gaúcha, é o que deveria ser feito em todo o Brasil: dar educação, formação e informação ao cidadão. Em outras palavras, qualificar o capital humano, o bem mais precioso do planeta.”

Rita Mundim, economista



Exemplo para o Brasil

► Nas cooperativas escolares – como a Unicoop –, os alunos fazem assembleias e prestação de contas, além de realizar eleições dos Conselhos de Administração e Fiscal. Para isso, contam com suporte de professores capacitados em Cooperativismo e Gestão de Finanças Pessoais. A formação é desenvolvida pela Sicoob Credichapada em parceria com o Banco Central, Banco Central e o Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop) e Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae).

Além de cuidarem da capacitação dos docentes, a Credichapada é a principal parceira das cooperativas escolares da região. Como? Aplicando recursos nesses empreendimentos; doando brindes; pagando custos de transporte, alimentação e logística para a participação dos jovens e crianças em eventos; custeando hospedagem; e, por fim, oferecendo cursos de gestão financeira, como o presenciado pela equipe de reportagem da revista Saber Cooperar, no final de outubro. O curso contou com a participação de mais de cem estudantes.

“O que essa cooperativa fez e está fazendo, ao aplicar um dos princípios do cooperativismo no município de Chapada Gaúcha, é o que deveria ser feito em todo o Brasil: dar educação, formação e informação ao cidadão. Em outras palavras, qualificar o capital humano, o bem mais precioso do planeta”, analisa a economista Rita Mundim. “Que a iniciativa sirva de exemplo para as cidades e cidadãos de um país que, nas últimas décadas, tem valorizado mais o ganho financeiro do que a produção; mais o dinheiro do que o trabalho”.



Em 2016, a experiência de educação cooperativista da Sicoob Credichapada foi reconhecida como boa prática de responsabilidade social e ambiental, no Congresso Brasileiro do Cooperativismo de Crédito (Concred), com o primeiro lugar nacional na categoria “Harmonia Social”. A iniciativa tem dado tão certo que há previsão de expansão do projeto para os municípios de Cônego Marinho, Bonitos de Minas e Pedras de Maria da Cruz. O pedido veio dos diretores dessas unidades escolares. ►

Especial

Cooperação sem Limite



► Além de formar uma nova geração de cidadãos financeiramente conscientes, a Sicoob Credichapada está ajudando a mudar as vidas das crianças e jovens com síndrome de Down da Chapada Gaúcha. A instituição ajudou na fundação da primeira Associação de Pais e Amigos de Excepcionais (Apae) da cidade, instalada em uma casa que, semanalmente, recebe os sorrisos das adolescentes Luany dos Santos, 15 anos, e Antonia Barbosa, 18, entre outras.

Luany, aliás, estava toda sorridente na tarde de terça-feira, 23 de outubro de 2017. Atendendo às recomendações da fisioterapeuta Jéssica Waischung, ela brincava com a bola, fazia alongamentos, se exercitava, sem reclamar. Pelo contrário, conversava sobre as orientações, dava o melhor de si e sorria.

“Ela gosta muito daqui. A gente, também. Esse trabalho ajuda minha filha a ser mais feliz. E é perto de nossa casa”, contou o pai de Luany, Daniel dos Santos, que leva

e busca a filha em sua bicicleta. Da fisioterapia para casa, de casa para a fisioterapia, assim, num piscar de olhos. Uma vez por semana, Luany visita a sede da Apae para continuar o tratamento e poder desenvolver um pouco mais seus movimentos. Além, claro, de sociabilizar com as funcionárias do lugar e outros, digamos, pacientes.

O ambiente na Apae é familiar, amigável, assim como o ambiente em que a instituição foi criada, em Chapada Gaúcha, há exatamente um ano, em novembro de 2016. O atendimento às crianças e jovens excepcionais da cidade, porém, começou em setembro passado, com a chegada de um psicólogo, um fonoaudiólogo e a fisioterapeuta Jéssica. Enquanto as verbas não são suficientes para contratar uma assistente social e uma terapeuta ocupacional, a turma vai se virando. No momento, 23 crianças e adolescentes de até 20 anos são atendidos, em consultas semanais. “Desde o lançamen- ►

►to até o pleno funcionamento, a instituição enfrentou alguns problemas burocráticos, considerados normais, até a arrecadação de dinheiro para a manutenção da sede e a contratação dos profissionais”, conta Jaqueline Ramos, 34 anos, diretora social da Apae.

Segundo ela, na maioria dos casos atendidos, as famílias brigam contra a aceitação da doença e enfrentam uma espécie de “luto em vida”, na tentativa de fazer as crianças e jovens se sociabilizarem. “E é por isso que o apoio da cooperativa é mais do que importante, é fundamental. Ela não dá somente o dinheiro, ela abraça a causa. Para começo de conversa, a Credichapada mostrou para a comunidade a importância de a gente ter uma versão local da Apae. E colabora, desde o início da fundação da associação, na luta para a gente conseguir recursos, por exemplo, e por meio de campanhas de arrecadação”, agradece Jaqueline, quando a conversa é interrompida por Luany. “Fiquei bonita nas fotos?”, pergunta a garota, exausta e suada depois de quase uma hora de exercícios. Ficou, sim, Luany. Aliás, você é linda.

Assim como é lindo o trabalho na Apae, realização do sonho de muita gente. Antes de ela existir, as crianças especiais se consultavam e faziam tratamento em Ari-

nos, a 95 quilômetros de distância. Os pais enfrentavam dificuldade de transporte para se locomover até a cidade. Perdiam o dia inteiro, praticamente, para uma consulta.

Um suplício que ficou no passado. A turma da Credichapada, capitaneada pelo presidente do conselho de administração, Marcos Maier, e pelo pedagogo Romildo da Silva, destinou R\$ 25 mil do seu orçamento, no final de 2016, para a Apae. Também doou mobiliário, liberou funcionários para participação em eventos de arrecadação de doações, ajudou no marketing desses eventos e ainda abriu uma conta no nome da Apae, na cooperativa, sem custos, para a emissão de boletos e recebimento de doações.

O projeto ganhou o nome de Cooperação Sem Limites e tinha, inicialmente, a ideia de sensibilizar os pais dos alunos com necessidades especiais. “Ficamos sabendo que 20 jovens excepcionais viajavam duas vezes por semana, numa van, até Arinos, ou seja, andavam 400 quilômetros. Mas o problema não eram esses 20, mas as outras 88 crianças diagnosticadas que não tinham atendimento algum, por falta de recursos e vergonha por parte dos pais. A gente não via esses meninos na praça, nas ruas, na igreja”, lembra Marcos Maier. ►



Ficamos sabendo que 20 jovens excepcionais viajavam duas vezes por semana, numa van, até Arinos, ou seja, andavam 400 quilômetros. Mas o problema não eram esses 20, mas as outras 88 crianças diagnosticadas que não tinham atendimento algum, por falta de recursos e vergonha por parte dos pais. A gente não via esses meninos na praça, nas ruas, na igreja.

Marcos Maier, presidente do Sicoob Credichapada



Sorrisos mais bonitos

► Ajuda similar foi concedida à Associação Pallotino, outro projeto apoiado pela Credichapada, em um singelo consultório de dentista, que já atendeu quase 400 crianças e adolescentes em 2017. O número, aliás, poderia ser ainda mais expressivo se a maioria dos pacientes não morasse na zona rural e enfrentasse dificuldades de locomoção até o centro de Chapada Gaúcha.

O projeto sem fins lucrativos coordenado pelo padre Gilberto Orsolin consiste em obter padrinhos para 420 crianças e jovens carentes de até 18 anos da região. Os padrinhos (brasileiros e europeus) fazem doações mensais na conta da associação, que, por sua vez, repassa a quantia a cada três meses para a molecada. O dinheiro é, prioritariamente, destinado à compra de comida e material escolar. A contrapartida é a criança manter-se na escola e tirar boas notas, por exemplo.

No caso do consultório, a Credichapada ajuda no pagamento do salário dos dois dentistas (Viviane Sbruzzi e Luís Fernando Lombardi) e da secretária, Janaína Sbruzzi. O dinheiro sai do fundo social da cooperativa. Os pacientes, por sua vez, pagam R\$ 10 por procedimento, um valor simbólico. No consultório, os dentistas realizam procedimentos de limpeza, restauração, canal e extração de siso, por exemplo.

“Temos um convênio de plano odontológico, em parceria com outra cooperativa, para os funcionários e familiares da cooperativa serem atendidos nesse consultório com o compromisso, com a condição de que os mesmos dentistas e materiais sejam utilizados com as crianças carentes. Elas não pagam o plano odontológico”, conta Marcos Maier.





Fundo Social

► O Programa de Educação Cooperativa, Empreendedora e Financeira, ao lado das ações sociais junto à Apae e à Associação Pallotino, é mantido graças às parcerias e aos recursos do Fundo de Assistência Técnica Educacional e Social, o fundo social da Sicoob Credichapada. Pela lei, esse fundo deve ser de, no mínimo, 5%. A Credichapada libera 15%, desde sua constituição, utilizados para a capacitação de cooperados e professores da rede pública de ensino, cursos, treinamentos e apoio a projetos sociais.

Assim como os bancos, as cooperativas de crédito são autorizadas e supervisionadas pelo Banco Central e os depósitos contam com a proteção do Fundo Garantidor do Cooperativismo de Crédito (FGCoop) nas mesmas condições e limites oferecidos aos bancos.

Outros ramos do cooperativismo também têm crescido mais do que as empresas tradicionais. Entre os 13 ramos do cooperativismo, além do cooperativismo financeiro,

destacam-se o crescimento das cooperativas do ramo agropecuário, de saúde e de transporte. As cooperativas agropecuárias respondem hoje por boa parte do café, do leite, da soja e da produção de aves do País. Já as cooperativas de saúde estão se tornando uma alternativa de acesso à saúde de qualidade para grande parte das famílias brasileiras em razão de uma relação custo/benefício que só pode ser atingida em um sistema cooperativo.

Em um país de dimensões continentais, é expressivo o crescimento das cooperativas de transporte tanto no segmento de cargas quanto no transporte de passageiros. “O modelo cooperativista de produção, de economia compartilhada, tem tudo para crescer ainda mais. As cooperativas funcionam como centros de prestação de serviços de excelência e de diluição de custos no setor onde atuam e atendem, com eficiência e competência, aos objetivos de produção de cada cooperado”, explica Rita Mundim. ►

Como tudo começou

► A história da Sicoob Credichapada começa em 2009, quando produtores rurais e empresários fizeram um curso de empreendedorismo promovido pelo Serviço de Apoio às Pequenas e Médias Empresas (Sebrae). Durante o processo, eles identificaram os principais gargalos que impediam o desenvolvimento do município. O problema que mais incomodava era a ausência de agências bancárias nas redondezas.

Os serviços financeiros eram feitos na cidade de Januária, a 170 quilômetros de distância, cumpridos em estrada de terra. Para pagar uma conta ou fazer depósitos, os moradores eram obrigados a enfrentar uma aventura que durava o dia todo. Resultado? A inadimplência em Chapada Gaúcha era alta, os comércios ainda trabalhavam com caderno de anotação e notas promissórias, por exemplo. E isso em pleno 2009.

Pensando nisso, os comerciantes, produtores e empresários tiveram a ideia de criar a cooperativa. Buscaram apoio primeiramente no Banco Central, em Brasília, e no Sistema OCB. Reuniram os agricultores e lojistas e montaram o capital social no valor de R\$ 300 mil, para poder gerar negócios, já alinhados com o Sistema Sicoob.

Após dois anos de trabalho e 10 mil quilômetros de viagens, em março de 2011, o Banco Central autorizou a constituição da Sicoob Credichapada, com 67 sócios. A cooperativa foi inaugurada em 6 de setembro de 2011, com sede em Chapada Gaúcha e atuação também nos municípios de Urucuia, Pintópolis, São Francisco, Bonito de Minas e Cônego Marinho. A área de atuação foi ampliada e hoje abrange o município de Januária (MG), além de inaugurar uma segunda agência no município de São Francisco. São mais de mil funcionários públicos e quase 700 pequenos empresários na carteira de negócios da cooperativa.

Pedro Arnold, o Pedrinho, 22 anos, é um dos seis mil cooperados da Sicoob Credichapada. Formado em Tecnologia Ambiental, passa mais da metade do dia – na época da colheita, quase todo o dia – trabalhando na produção e tratamento de sementes de capim, que representa 80% da cultura do município. Depois de colher as sementes, na Fazenda Arnold, um negócio com 700 hectares, ele faz o beneficiamento – separa as sementes da terra –, ensacando e preparando para a venda.

Pedrinho ajuda o pai e dois tios no trabalho. O jovem toma conta de 60 mil pontos de semente (por hectare) e fatura R\$ 6 mil (também por hectare), anualmente. Na época da colheita, a fazenda emprega 15 pessoas. Um período bom, mas não indicado para os “fracos de espírito”, como diz Pedrinho. A rotina começa às sete da manhã e dura até o escurecer, os sete dias da semana. “É um trabalho duro, mas é nosso ganha-pão. E é bom ter o apoio da Credichapada, que ajuda a gente na gestão dos negócios e liberação dos recursos”, conta o jovem.

Nesse ponto, ganha importância o trabalho liderado por Marcos Maier. O produtor rural e empresário da hotelaria atuou como professor de matemática e foi secretário de Planejamento do município. Pai de dois filhos, ele tem MBA em Gestão de Cooperativas de Crédito pela faculdade Novos Horizontes. O currículo o credencia a liderar todas essas ações e gerir o capital da Credichapada. Por falar nisso, lembram do capital inicial de R\$ 300 mil, em 2011, quando a cooperativa foi fundada? Pois é, esse capital atualmente é de R\$ 12 milhões, um aumento de 4.000%. A cooperativa já emprestou R\$ 40 milhões a cerca de seis mil cooperados, com inadimplência de apenas 3%. É a prova de que é possível dar ótimos resultados para os cooperados, sem se esquecer de cuidar da promoção social. ■



Como será o amanhã?



Era uma vez uma cooperativa, como outra qualquer. Criada por pessoas empreendedoras, que buscavam uma forma mais justa e humana de ganhar dinheiro. Ela era presidida por um jovem de visão, capaz de fazer o negócio dobrar de tamanho em um ano. Até que, um dia, esse jovem líder ficou sem condições de trabalhar, e a cooperativa parou. Ninguém conseguia lidar, ao mesmo tempo, com todas as variáveis que compõem a gestão de um negócio. Os outros fundado-

res da cooperativa ficaram batendo cabeça, sem conseguir tomar uma boa decisão, por um tempo. Atenta a tudo o que se passava, a concorrência se aproveitou do problema e dominou o mercado. A cooperativa fechou as portas porque cometeu um erro básico de gestão: não investiu na capacitação de novas lideranças, tampouco na definição de uma política sucessória clara para o empreendimento.



Perpetuação das cooperativas depende da criação de uma política sucessória clara, que garanta a formação de novas lideranças capazes de inovar, sem abrir mão dos valores que nos tornam cooperativistas.

Apesar de ser um tema importante, a sucessão ainda é um assunto pouco debatido dentro do cooperativismo. No afã de obter os melhores resultados para os cooperados, muitos líderes colocam o planejamento de uma linha de sucessão em segundo plano. Eles concentram seus esforços no hoje, e esquecem que o amanhã irá chegar inevitavelmente.

Passar o bastão requer sabedoria. Assim defende o presidente da Fundação Nacional da Qualidade (FNQ), Jairo Martins, que levanta a bandeira da liderança transformadora. “O líder transformador é aquele que sabe sair e esteve aberto a preparar seus sucessores”. De acordo com ele, esse é um dos fundamentos do modelo de excelência da gestão.

Com anos de experiência em gestão de empresas, ele explica que vê muitos casos de líderes ficarem apegados muito tempo em seus cargos nas cooperativas. “Isso não deveria existir”, defende. “É preciso que haja renovação, oxigenação, arejamento, isso é pré-requisito para o sucesso de qualquer empresa”.

A consciência do líder é a chave no que diz respeito à sucessão de acordo com a gerente executiva de grandes organizações da Fundação Dom Cabral, Iris de Castro. “A sucessão não nasce do nada, mas sim de uma vontade interna, de uma leitura consciente do atual líder e do compromisso dele com a organização”. Ela afirma que todo bom gestor deve se preparar para deixar o cargo um dia, qualificando os talentos da cooperativa para ocupar cargos estratégicos no futuro. ►

► Para que uma sucessão seja bem feita, o principal ponto ressaltado por Íris é capacitar aqueles que poderão ser os futuros líderes das organizações. “Esse é o segredo da perpetuação das organizações. O principal legado de um bom líder é preparar os sucessores e deixar pessoas que conduzam a organização de uma forma eficaz quando da sua saída”.

Para Jairo Martins, esse é o momento ideal para as cooperativas colocarem em prática a liderança transformadora. “Vejo o cooperativismo como um dos grandes pilares de sustentação da economia. Na crise que es-

tamos enfrentando na atualidade então, percebo que será ainda mais. Justamente por isso, acho que os organismos devem aproveitar esse momento positivo de fortalecimento da cultura cooperativista para renovar suas lideranças”.

O presidente da FNQ destacou ainda o programa de excelência que o Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop) tem feito com as cooperativas como um grande divisor de águas. “Esse trabalho de capacitação em gestão está mostrando a importância da renovação. Isso é um grande passo rumo ao sucesso”, concluiu.

NÃO É QUESTÃO DE IDADE

Criar uma política sucessória para a alta administração das cooperativas brasileiras é um dos desafios abraçados pelo presidente da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), Márcio Lopes de Freitas. Com mais de 30 anos de experiência no setor, ele conta ter acompanhado diversos processos de sucessão em cooperativas. Alguns abruptos e conturbados, outros harmônicos.

“**Temos que nos organizar para que a sucessão ocorra em todos os níveis e não só na liderança.**”

Márcio Freitas – presidente da OCB

“Há 20 anos, quando assumi a presidência da minha cooperativa de origem (a Coocapec), não havia preparo e nenhuma orientação para quem fosse suceder uma outra liderança”, recorda. “Isso dificulta os

processos de transição, colocando em risco tanto a cooperativa quanto os seus cooperados. Por isso, temos de nos organizar para que a sucessão ocorra de forma planejada, sem traumas e em todos os níveis, não apenas na liderança”.

Outro erro comum – quando se pensa na criação de uma política de sucessão – é relacioná-la à idade. Como vimos na história que abre esta reportagem, imprevistos acontecem com lideranças de qualquer faixa etária. Definir quem sucede quem, em todos os níveis da empresa, é uma questão de conformidade administrativa e controle de gestão de crises. Apenas isso.

“A sucessão não é um problema relacionado à idade, mas à capacidade de garantir a perpetuação do sucesso de uma cooperativa, com alternância de lideranças”, explica Lopes de Freitas. “Não estamos rejeitando os líderes históricos, nem propondo modelos rebeldes de gestão. Apenas temos a consciência de que é preciso pensar no amanhã e em maneiras de manter nosso modelo de negócios competitivo e adaptável a mudanças”.

SUCESSÃO NO RAMO CRÉDITO

As cooperativas de crédito tiveram um estímulo extra para acelerar a implantação de um processo sucessório no ramo. Em novembro do ano passado, o Conselho Monetário Nacional publicou a Resolução nº 4.538, que aborda a necessidade de haver uma política específica sobre o assunto em instituições financeiras. Para manter-se atual, o documento deve ser revisado, no mínimo, a cada cinco anos, permanecendo à disposição do Banco Central do Brasil (BCB) para consulta.

A medida foi recebida de forma positiva pelo presidente do Conselho de Administração da SicrediPar, Manfred Dasenbrock. Para ele, definir uma política de sucessão é saudável para qualquer negócio, pois ela implica um processo de formação interna que acaba gerando frutos.

“A política de sucessão eficiente não atinge apenas o presidente, ela acaba permeando todo o seu conselho de administração, sua liderança e, da mesma forma, gera-se uma nova cultura institucional dentro do quadro executivo também”, analisa Dasenbrock. “O principal desafio desse processo é formar pessoas. Assim, a cooperativa fica tendo alternativas e, no momento certo, pode convidá-las a assumir posições estratégicas, que serão necessárias hoje e no futuro”.

O presidente do Conselho de Administração da SicrediPar explica que fala muito do futuro dentro da cooperativa porque as organizações estão se tornando cada vez mais complexas, especialmente dentro do sistema financeiro. “Se avaliarmos bem, de 2010 para cá, aconteceram muitas novidades em relação aos riscos que afetam o nosso mercado. A resolução trata essa questão de uma forma muito madura, muito saudável, porque ela tem uma provocação positiva, de construção. Quando eu falo de sucessão, estou desencadeando um processo cultural na

“Se você tem uma prática saudável dentro da organização, um processo de formação de pessoas, você tem uma sucessão tranquila, que nada mais é do que a continuidade da organização.”

Manfred Dasenbrock, presidente do Conselho de Administração da SicrediPar

organização, visando preparar pessoas para as posições futuras”, ressalta.

Dasenbrock acredita – assim como Márcio Lopes de Freitas – que a sucessão deve ser um assunto debatido também nos outros ramos do cooperativismo. Afinal, esse tipo de política inspira confiança no próprio associado, que fica com certeza de que a sua cooperativa é sustentável nos curto, médio e longo prazos.

“Se você tem uma prática saudável dentro da organização, um processo de formação de pessoas, você tem uma sucessão tranquila, que nada mais é do que a continuidade da organização”. Para ele, as pessoas – dentro de uma organização – devem estar preparadas para assumir novos desafios. Mais importante do que perpetuar o nome de “fulano” ou “cicrano”, é preciso perpetuar os processos, as boas práticas e a longevidade das nossas cooperativas. ▶

VOCÊS ME ACEITAM DE VOLTA?

► Assumir as responsabilidades de um líder nem sempre é o projeto de vida de uma pessoa em começo de carreira. Quando se trata de negócios de família então, a conversa fica ainda mais complicada. Esse foi o caso de Lígia Jung, 29 anos. Nascida em Floresta, no interior do Paraná, nunca esteve em seus planos trabalhar com agronegócio, como seus pais. “Quando era pequena, não sonhava em ser médica ou professora, mas também tinha certeza de que não iria ficar no sítio”, relembra a moça.



Lígia Jung trabalha com os pais em uma propriedade vinculada à cooperativa Integrada.

Filha de um cooperado da Integrada – cooperativa agropecuária referência no Sul do País – ela acabou ingressando em um grupo de formação de jovens lideranças oferecido pela entidade. E foi por influência desses colegas do grupo que ela decidiu

cursar Agronomia. “Esses encontros que as cooperativas proporcionam dão muitas oportunidades para quem quer ajudar ou ser ajudado”, admite.

Focada no objetivo de não trabalhar com os pais, ela foi estudar em Maringá (PR). Já formada, começou a trabalhar com a parte burocrática de um projeto de agricultura familiar do governo do estado. “Esse serviço me estressou muito. Foi nessa época que comecei a olhar para a propriedade dos meus pais com outros olhos”, declarou Lígia com um breve sorriso. Já com intenção de ter um pedaço de terra, ela juntou o útil ao agradável e, sem hesitar, ligou para seus pais: “Vocês me aceitam de volta?” Nem precisa dizer que eles a receberam de braços abertos.

Hoje, além de ajudar o pai no plantio e a mãe na venda do mel, Lígia tem sua própria estufa de morangos orgânicos. Como tantos outros jovens, ela acabou encontrando o sucesso profissional pelo qual tanto ansiava porteira adentro.

Cooperada, como os pais, ela vê com bons olhos as decisões que tomou na vida. Se desde o começo tivesse pensado em trabalhar com os pais, talvez não tivesse ido estudar fora. Talvez não tivesse se formado. Talvez não tivesse a mesma capacidade gerencial que tem hoje. Talvez não desse tanto valor ao que os pais conquistaram ao longo dos anos.

Segundo Lígia, o perfil dos jovens que trabalham no campo está mudando. “Há 15 anos, ninguém queria ficar aqui. Íamos para a faculdade e não retornávamos”, analisa. “Hoje, vejo muitos conhecidos voltando para as propriedades dos pais, com um diploma debaixo do braço, muito mais qualificados para contribuir com os negócios da família”.

AMOR COMBINA COM CONHECIMENTO

Enquanto alguns jovens levam tempo para descobrir a própria vocação, outros parecem ter nascido com ela. É o caso de Isabela Albuquerque, hoje com 23 anos, moradora da cidade de Santa Helena, no Paraná.

Isabela sempre quis trabalhar no campo, com os pais. Tanto que desde os 15 pedia para acompanhar de perto a criação de suínos, bovinos e plantio de grãos. “Sempre tive amor pelos animais e pelo trabalho na propriedade. Nunca me vi fazendo outra coisa”, disse.

Nem por isso a jovem deixou os estudos de lado. Formada em Gestão Comercial, Isabela ainda tem pós-graduações em Gestão de Recursos Humanos, em Psicologia Organizacional e, no próximo ano, pretende fazer outra em Gestão do Agronegócio. “O

conhecimento é importante para a nossa rotina. É claro que não é fácil conciliar. Durante minha graduação, ajudava meus pais de dia e estudava à noite, mas é algo que vamos plantar para colher frutos no futuro”, relata a moça.

Para Isabela, sua participação desde jovem nas atividades oferecidas pela cooperativa Lar foi essencial para aprender a valorizar ainda mais a família e a propriedade. “Se nós temos tudo o que precisamos aqui, não tem por que abandonarmos tudo para ir buscar trabalho em outro lugar”. A empreendedora ressalta que o futuro das cooperativas e das propriedades está nas mãos dos jovens. “Não podemos deixar que a história de nossos pais e avós termine com eles. Temos que dar sequência a essa riqueza”, finaliza. ►



Isabela Albuquerque, 23 anos, estudou Gestão Comercial e hoje é uma jovem liderança da cooperativa Lar.

UMA QUESTÃO DE ORGANIZAÇÃO

► O processo de sucessão também é defendido pelo professor de governança cooperativa da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Rubens Mazzali, que vai além e mostra como os atuais gestores podem se organizar na preparação das novas lideranças. “A principal característica de um bom dirigente, seja ele de empresa cooperativa ou corporativa, é saber preparar alguém para colocar no seu lugar”.

Para ele, existem espaços dentro das cooperativas pouco explorados, como os comitês – atrelados aos conselhos –, que podem ser ambientes perfeitos para o acolhimento dos jovens em treinamento. “Esses órgãos, instalados com pouca frequência, são um ambiente perfeito para dar espaço aos sucessores, mas é importante lembrar que nesses organismos não seriam tomadas decisões, mas realizados estudos, projetos e levantamentos para serem apresentados ao conselho para a tomada de decisões estratégicas”, declara.

Mazzali disse que chegou a essa conclusão porque, em todas as cooperativas que tem observado, existe um acúmulo de funções assumidas pelo conselho de administração, que muitas vezes deixam de lado a visão estratégica para gastar seu tempo na parte executiva. “Esse é um problema que a gente acaba verificando nas cooperativas que pode ser solucionado com os comitês. Por exemplo, você tem o conselho de administração e, junto, o comitê de planejamento estratégico, de novos negócios, de orçamento, de gestão de risco e crise, então você pode criar comitês por áreas para ajudar os conselheiros na tomada de decisões. Daí entram os possíveis sucessores”.

“A principal característica de um bom dirigente, seja ele de empresa cooperativa ou corporativa, é saber preparar alguém para colocar no seu lugar.”

Rubens Mazzali - professor
de Governança
Cooperativa da FGV

Esse processo de preparação dos novos líderes para assumirem uma posição de decisão já funciona nas empresas privadas não cooperativas. “Nesses espaços, você tem que estudar, tem que se aprofundar em um determinado assunto para depois tomar uma decisão. Você prepara essa pessoa para um futuro cargo”. Mazzali observa ainda que o conselho, vendo esses futuros sucessores nos comitês, começa a identificar aqueles que têm condições de assumir uma posição como conselheiro ou até presidente. “É um espaço para verificar se uma pessoa tem ou não competência para aquele cargo no futuro”. ■



Se você acredita que é possível conectar empresas e pessoas, o econômico e o social, a produtividade e a sustentabilidade, **assim como nós, você acredita no cooperativismo.**

O cooperativismo é mais que um modelo de negócios, é uma filosofia em que buscamos as melhores oportunidades para todos. No Brasil, somos mais de **10 milhões de cooperados** e mais de **30 milhões de pessoas beneficiadas pelo cooperativismo**. Um movimento que se fortalece, a cada dia, porque acredita que o crescimento só é bom de verdade quando todos crescem juntos.



Vista esta camisa

Vamos mostrar ao Brasil por que vale muito a pena ser cooperativista. Começa agora o movimento SomosCoop, que trabalhará pela valorização e pelo reconhecimento das cooperativas brasileiras.

É chegado um novo tempo para o cooperativismo brasileiro. Tempo de ser reconhecido por sua competitividade, sustentabilidade e capacidade de trazer felicidade para as pessoas. Tempo de crescer, de conquistar novos corações, de mostrar ao Brasil que somos uma plataforma segura para o desenvolvimento econômico. É tempo de SomosCoop – um movimento nacional de valorização das cooperativas brasileiras e de seus cooperados.

“Temos dois grandes objetivos com o SomosCoop”, explica Renato Nobile, superintendente do Sistema OCB – entidade responsável pela orquestração desse movimento. “O primeiro é conscientizar as pessoas sobre a importância do cooperativismo para o desenvolvimento do Brasil. O segundo é

aumentar ainda mais o orgulho e a sensação de pertencimento de quem já é cooperativista”.

O SomosCoop nasceu para ser um movimento nacional a favor do cooperativismo. Como tal, é maior do que uma marca ou simplesmente uma campanha publicitária.

“Nossa proposta não é fazer uma divulgação de caráter publicitário do cooperativismo”, destaca a gerente de Comunicação do Sistema OCB, Daniela Lemke. “Queremos engajar as pessoas para essa causa, fazendo cada cooperativa ou cooperado abraçar, à sua maneira, o SomosCoop. Elas poderão usar o selo da campanha em seus produtos, realizar palestras, vestir a camisa ou simplesmente dizer ao mundo o quanto sentem orgulho de ser Coop”. ▶

Boas Práticas

VT



CARTAZ



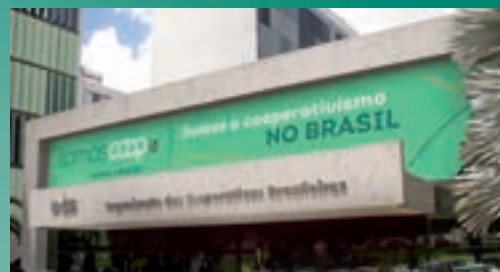
MÓBILES



FRONTLIGHT



FACHADAS



HOTSITE



KIT COLABORADORES



O QUE VEM POR AÍ

► O movimento SomosCoop terá início no final de 2017, com o lançamento de um vídeo institucional sobre o poder transformador do cooperativismo, *spots* para rádio e alguns anúncios para mídia *on-line* (internet) e *off-line* (revistas). Para 2018, está prevista a divulgação de uma websérie sobre como as cooperativas colaboram com o desenvolvimento das comunidades onde são criadas. O primeiro episódio está sendo gravado no município de São Roque de Minas, na Serra da Canastra (MG).

“Nossa equipe foi até a cooperativa Saramcredi para descobrir como ela colaborou com o desenvolvimento daquela região”, explica Daniela Lemke. “As histórias que ouvimos até agora são emocionantes e comprovam o poder que o cooperativismo tem de tornar as pessoas mais felizes, de várias maneiras”.

A logomarca do movimento SomosCoop está alinhada, estratégica e visualmente, com o movimento cooperativista internacional “Coop”, lançado, em 2014, pela Aliança Cooperativista Internacional (ACI). À palavra Coop – que traz em sua representação um elo, que reflete o espírito de colaboração que impera nas cooperativas –, acrescentamos o “somos”, responsável por congrega os brasileiros ao movimento.

Também em 2018, será lançado o carimbo “É Coop”, que identificará os produtos e as pessoas que abraçam a causa e o olhar cooperativista. A adesão ao selo é voluntária e livre, respeitando-se, assim, um dos princípios fundamentais do cooperativismo.

VENHA COM A GENTE

somos.coop.br



Como participar

Você e sua cooperativa são fundamentais para o sucesso do SomosCoop. Saiba como fazer parte desse movimento:

- 1) Mostre ao mundo o seu orgulho de ser cooperativista. Divulgue o movimento SomosCoop para os seus cooperados e também em sua comunidade;
- 2) Envie sugestões de histórias, *cases*, palestras e iniciativas capazes de promover a valorização e o pleno reconhecimento do cooperativismo no Brasil. Suas ideias serão muito bem-vindas. Entre em contato conosco pelo e-mail contato@somos.coop.br;
- 3) Acesse o *hotsite* do movimento e fique por dentro de tudo o que vem por aí: www.somos.coop.br

Juntos pelo Leite

Cooperativas brasileiras captam mais de 16 milhões de litros de leite por dia e podem crescer muito mais. Conheça esses e outros resultados inéditos do 2º Censo das Cooperativas do Leite



É preciso olhar para o Sul. A região despontou como a nova fronteira do leite, aumentando sua produção em mais de 75% num intervalo de nove anos, entre 2006 e 2015. Nessa região promissora, as cooperativas informaram que captaram mais de 7,2 milhões de litros de leite por dia, o equivalente a 30% da produção de Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Essa e outras informações fazem parte do 2º Censo das Cooperativas do Leite.

Essas são algumas das principais informações do 2º Censo das Cooperativas do Leite, estudo realizado pelo Sistema OCB em parceria com a Embrapa Gado Leite que fez um raio X do setor entre os anos de 2010 e 2015.

De acordo com o Censo, a evolução da produção do leite na Região Sul está fortemente ligada ao cooperativismo. “As cooperativas da região investiram em melhoramento da gestão, tecnologia de produção e alimentação animal, otimizando a mão de obra e apostando na intercooperação. Com isso, o resultado veio”, analisa Fernando Pinheiro.

Outra característica decisiva ao expressivo crescimento da produção de leite no

Sul foi a entrada de cooperativas de outras cadeias – que passaram a operar com o leite e a apresentar resultados – no setor. “Cooperativas que eram da área de suínos e aves, por exemplo, estão trazendo uma nova mentalidade para o negócio. Elas agregam profissionalismo e competitividade para a cadeia do leite. Essa é uma expertise que precisa ser aproveitada e ajudou no crescimento da produção na região”, explica Fernando.

Na avaliação do Sistema OCB, os casos de sucesso da Região Sul precisam ser observados pelas demais regiões. Por isso, a Casa do Cooperativismo pretende apresentar alguns deles às outras regiões (confira a matéria sobre o Pool Leite, na página 52). “Em um cenário competitivo e dinâmico como o do agronegócio do leite, o cooperativismo precisa estar em constante desenvolvimento para fortalecer cada vez mais a sua participação”, avalia o coordenador da Câmara do Leite do Sistema OCB, Vicente Nogueira, lembrando que a entidade, juntamente com a Confederação Brasileira das Cooperativas de Laticínios (CBCL), fez o primeiro levantamento com dados da cadeia do leite em 2002.



*Campeões de venda
das cooperativas*



R\$ 2.798
36%
Leite
Longa Vida



R\$ 1.102
14%
Leite
em Pó



R\$ 852
11%
Leite
Pasteurizado



R\$ 567
8%
Queijo
Muçarela



R\$ 393
5%
Bebidas
láticas

Próximos passos

► Com os dados do Censo em mãos, o Sistema OCB pretende fazer um planejamento estratégico para reforçar a participação do cooperativismo na cadeia produtiva de leite e derivados. Para isso, serão agendadas duas reuniões regionais para apresentação de dados e análise de cenários. A partir daí, a ideia é propor melhorias e soluções para ampliar a produtividade dos cooperados.

“Passaram-se 15 anos desde o primeiro Censo do Leite”, explica o coordenador da Câmara do Leite do Sistema OCB. “De lá para cá, o Brasil e a cadeia produtiva de laticínios passaram por intensa transformação. O novo censo constroí uma radiografia completa do cooperativismo de leite brasileiro, considerando variáveis quantitativas e qualitativas, por estado e por região, em termos de processamento, governança, relações com o cooperado e atuação no mercado lácteo, caracterizando gargalos e oportunidades.

Uma das principais oportunidades já identificadas pelo estudo é a grande capacidade produtiva da indústria cooperativa de laticínios. Atualmente, as cooperativas de leite possuem um parque industrial instalado com infraestrutura para processar mais de 28 milhões de litros por dia. Esse potencial ainda não está sendo amplamente utilizado e oferece muitas oportunidades de ampliação de seu aproveitamento.

“Essa não é uma realidade somente do cooperativismo de leite, mas uma realidade da indústria nacional”, esclarece Vicente Nogueira. “Uma forma de as cooperativas partirem na frente para a resolução desse panorama é buscar modelos de unificar suas operações, a fim de otimizar as instalações, tornando-as mais eficientes e produtivas. Por isso, os

trabalhos de intercooperação podem ser uma ferramenta para melhorar o aproveitamento das plantas industriais”.

Informações como essas não deixam dúvida: há espaço para o cooperativismo de leite crescer, e muito, no País. Basta seguir bons exemplos de gestão e um deles está justamente na Região Sul, que ocupa o topo do ranking no quesito aproveitamento do parque industrial: mais de 50% de utilização da capacidade instalada de captação. Qual o motivo desse bom resultado? “Eles fizeram seu dever de casa: investiram tanto no desenvolvimento do produtor quanto na qualificação e profissionalização da gestão. Com isso, conseguiram maximizar a produção da região”, explica Fernando Pinheiro, analista responsável pelo Censo no Sistema OCB.

Outra oportunidade de crescimento para as cooperativas de leite está no aumento da oferta de produtos de maior valor agregado, como os queijos. De acordo com os dados do Censo, atualmente a produção de queijo soma 11% do faturamento do setor, e a de bebidas lácteas, 5%.

Uma terceira via de ampliação de resultados está na definição do conceito de indicação geográfica, fundamental para o desenvolvimento da produção e da venda de produtos regionais especializados, como o queijo da Serra da Canastra e o queijo do Serro, ambos confeccionados exclusivamente em Minas Gerais. Por se tratarem de produtos com características diferenciadas – muitas vezes ligadas a tradições locais e características sensoriais específicas – torna-se difícil produzi-los em escala industrial. Justamente por isso, os produtos regionais possuem elevado valor agregado, trazendo melhores resultados para quem os produz.

Crescimento pautado pela educação

As cooperativas da Região Sul não são as únicas a encontrar soluções eficientes para aumentar sua produtividade. Em 2014, três cooperativas de Mato Grosso se uniram para encontrar soluções a problemas comuns, como baixa produção e produtividade, baixa qualidade do produto e grande sazonalidade.

Estimuladas pelo Sistema OCB/MT, elas ingressaram no programa Leite a Pasto – projeto de educação continuada realizado nas unidades produtivas vinculadas às cooperativas de leite do estado. De forma intercooperativa, os gestores e cooperados das entidades que participam do projeto analisam temas e desafios a serem superados, como a qualidade da matéria-prima, a sustentabilidade dos sistemas e a eficiência na produção.

O projeto é dividido em pontos vitais e importantes na condução e gerenciamento de uma unidade produtiva de leite. Entre os pontos vitais, estão a distribuição e localização de água; divisão das pastagens; sombreamento; reservas estratégicas de alimentos para os períodos pré-seco e seco do ano; anotações e interpretações de dados e índices, adoção do calendário zoossanitário e preservação ambiental. São considerados pontos importantes: análise e correção do solo; adubação das pastagens; conservação do solo; melhoramento genético animal; prática de irrigação em épocas estratégicas; e adoção de programas de gerenciamento.

“A abordagem desses pontos fundamentais para a transformação do sistema de produção de leite deve ser realizada de forma sistêmica, envolvendo os fatores e as fases do processo de produção: relações hu-

manas, sustentabilidade ambiental, escala de produção, mão de obra especializada e capacitada”, explica o veterinário e analista de desenvolvimento do Sistema OCB/MT, Mauro Machado Vieira.

Os técnicos atuam, sob supervisão do instrutor, na organização estrutural das propriedades. Até agora, cerca de 4 mil pessoas, entre técnicos das cooperativas, secretarias de agricultura, empresa de assistência técnica estadual, cooperados e gestores das cooperativas, participaram dos treinamentos.

Fernando Paiva, do Sítio São Roque, é um dos cooperados beneficiados pelo programa. Ele conta que, do rebanho de 115 cabeças, 46 são vacas leiteiras que produzem 9 mil litros de leite por mês. “Antes eu tirava com as mesmas vacas 5 mil litros por mês. Agora, depois do programa, minha meta é chegar a 15 mil litros. As informações que recebemos estão fazendo muita diferença na vida da minha família”.

O filho de 12 anos, Fabrício, adora acompanhar a ordenha e o trabalho dos técnicos que visitavam o sítio. O gosto pela lida na terra tranquiliza a família quando o assunto é sucessão. Esse, aliás, é um dos indicadores de sucesso do Leite a Pasto, na visão do Sistema OCB/MT.

“Entregamos um modelo de organização e gestão da unidade produtiva, prática, econômica e de fácil adoção, que viabiliza além da integração técnica e social dos cooperados, o processo de sucessão familiar do negócio leite”, comemora Mauro Machado Vieira. “O Leite a Pasto é um importante instrumento de fidelização e inserção do cooperado no negócio cooperativo”.

NÚMEROS

O Programa Leite
a Pasto beneficia

5 cooperativas

30 municípios

3,2 mil famílias

► Em linhas gerais, o objetivo das cooperativas que participam do programa é, ao final de 2018, elevar a média geral de produção atual de 150 litros/dia por cooperado para 300 litros leite/dia; diminuir a sazonalidade da produção, atualmente em 60%; e adequar a qualidade do leite a regulamento técnico publicado pelo Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento – Instrução Normativa 62.

Vale destacar: o Leite a Pasto surgiu de um diagnóstico do setor realizado pelo Sistema OCB/MT. O estudo revelou que cerca

de 90% das cooperativas de leite do estado encontravam gargalos que limitavam o desempenho de suas atividades. Grande parte dos problemas vinha da falta de profissionalização e de gerenciamento das atividades, além da carência de assistência técnica especializada.

O projeto foi implantado experimentalmente na Coopnoroeste (Araputanga), Coopernova (Terra Nova do Norte) e Campileite (Campinápolis), ainda em 2014. Atualmente, também participam as cooperativas Copropam (Juína) e Cooperprata (Brasnorte).



Manifesto em Minas

O 2º Censo das Cooperativas do Leite – realizado pelo Sistema OCB em parceria com a Embrapa Gado Leite – mostrou que as cooperativas têm enorme potencial de produção e contam com parque industrial instalado capaz de beneficiar muito mais leite. Mas a falta de políticas públicas voltadas ao fortalecimento das cooperativas de leite tem preocupado muitas cooperativas, especialmente no estado de Minas Gerais. No último mês de agosto, a Federação das Cooperativas Agropecuárias de Leite de Minas Gerais (Fecoagro Leite Minas) lançou um manifesto de alerta. Segundo a entidade, a maioria das cooperativas mineiras de leite encontram-se com grandes dificuldades financeiras, provocadas pela falta de acesso ao crédito e pela conjuntura do mercado, com aumento da produção e das importações, mas com uma redução do consumo.

O manifesto pleiteia a adoção imediata das seguintes políticas públicas:

1. Restrição à importação de leite em pó pelo Brasil, pois a compra do produto está trazendo “desastrosas consequências” para os produtores nacionais;
2. Liberação do crédito de PIS e Cofins e/ou sua utilização como garantia para linhas de crédito às cooperativas (medida já aprovada pelo Governo Federal e ainda não efetivada na prática);
3. Disponibilização de linhas de crédito emergencial e de longo prazo às cooperativas de leite do estado;
4. Revisão das condições das linhas de crédito do Plano Safra 2017/2018 relacionadas às cooperativas, que, na visão da Fecoagro Leite Minas, “restringe e onera, ainda mais, o crédito às cooperativas”.

Fonte: Fecoagro Leite Minas





Pool Leite — União — *para crescer*

► Vem do Paraná uma das iniciativas mais consistentes de intercooperação na cadeia do leite. No início dos anos 2000, as cooperativas Castrolanda e Batavo (hoje, Frísia) resolveram se unir para vender sua produção a clientes de vários estados. A necessidade surgiu a partir da venda da indústria da Cooperativa Central de Laticínios do Paraná e da marca Batavo. Tal fato obrigou os produtores dessas cooperativas a buscar novos parceiros comerciais. A proximidade geográfica também foi aliada na busca de oportunidades comerciais e no surgimento do Pool Leite.

A missão do Pool Leite é unir e representar os produtores junto às indústrias, além de prestar serviços de forma transparente e confiável nas operações de logística e pagamento de leite, otimizando processos e agregando valor ao produto. Assim, busca-se satisfazer tanto os clientes como as cooperativas participantes.

No projeto, um compromisso em comum: a qualidade do produto. Para isso, os cooperados investiram de maneira sistemática em tecnologia na produção do leite – desde a ordenha, o transporte e a

conservação do produto até as condições de conforto dos animais.

A política de qualidade do leite se transforma, em longo prazo, em uma melhor remuneração do cooperado. Além disso, o Pool coordena a coleta, o transporte e a análise de amostras, faz o treinamento de motoristas para a correta coleta do leite e avalia as condições dos utensílios de coleta de amostras dos motoristas. Tudo isso procurando manter a qualidade e aumentar a produtividade e a sustentabilidade da produção leiteira da região.

A busca pela competitividade no setor lácteo fez com que as cooperativas Castrolanda e Frísia (antiga Batavo) investissem em novas e próprias indústrias para beneficiamento do leite. Esse processo foi marcado pela inauguração da indústria da Castrolanda (UBL – Castro) em 2007 e pela inauguração da indústria da Frísia (Frísia – Ponta Grossa) em 2011. Em 2014, o arranjo operacional passou a contar com a participação da Capal (Arapoti).

Hoje, oito cooperativas com mais de 1,6 mil produtores de leite fazem parte do sistema Pool Leite. Em 2015, essas cooperativas produziam cerca de 1,5 milhão de litros de leite por dia.

Fazendo a diferença

Para o fundador da Cooperativa de Produtores de Leite de Campinópolis (Campileite), Joaquim José de Almeida, o Leite a Pasto vem fazendo diferença na vida dos cooperados e chama a atenção dos vizinhos que não participam da iniciativa. “É um programa que inova, moderniza a produção e traz ótimos resultados”, destaca.

Hoje, a Campileite produz 60 mil litros/dia e emprega 80 pessoas. Em uma área de 6 hectares, a cooperativa conta com um supermercado, posto de combustível e loja veterinária. Sem falar em uma fazenda modelo com 80 hectares que ensina o passo a passo para uma boa produção de leite e abrange todo o ciclo: prenhes, bezerro, novilho e vaca. Segundo o presidente da cooperativa, a fazenda modelo foi projetada dentro da metodologia do Programa Leite a Pasto.

Leandro Roque dos Santos, 30 anos, produtor cooperado da Campileite, conta que, antes do projeto, havia 48 hectares degradados que pouco produziam. “Cheguei a

perder 19 bezerros em um ano, por falta de manejo.”

Ele afirma que o Programa Leite a Pasto veio em boa hora e mudou tudo. “Os bezerros pararam de morrer e agora somos exemplo para os vizinhos. Estou produzindo em 6 hectares o que antes não produzia em 48”, destaca.

Casada com Leandro, Cleide dos Santos conta que trabalha com leite desde pequena e que pensava que cuidava do pasto e do gado de forma adequada. “Mas fazíamos tudo errado”, diz, destacando que incentivou o marido a aderir ao Programa Leite a Pasto. Segundo ela, é fácil seguir as orientações repassadas pelo programa. “São coisas simples, como deixar a água próxima das vacas, uma boa sombra. O negócio é só fazer o manejo certo e nós estamos aprendendo e vendo resultado”, afirma. ■

Leandro dos Roques Santos:
“Antes do Leite a Pasto, cheguei a perder 19 bezerros em um ano, por falta de manejo”.

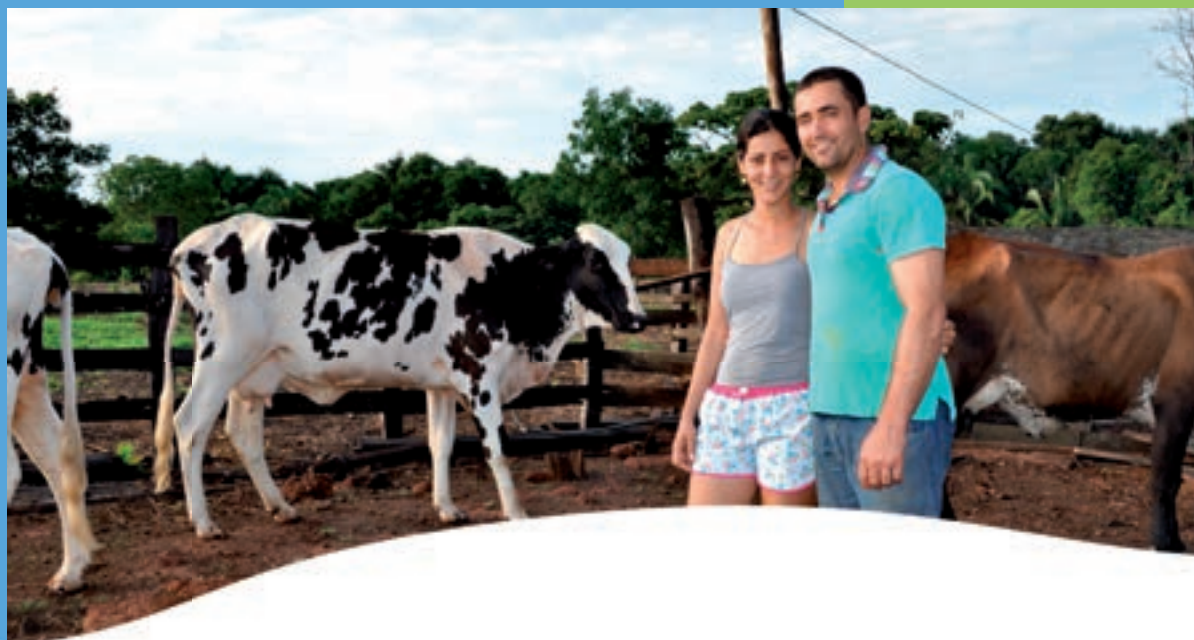


Imagem: Leandro do Roque Santos



Gilson Gomes Camboim mudou a cartilha da mineração ao apostar em diferenciais sustentáveis. Para ele, a lavra bem-feita e a recuperação consciente do meio ambiente geram benefícios para a comunidade e, conseqüentemente, para a cooperativa

Conta-se que na antiga Frígia viveu um rei que transformava tudo o que tocava em ouro. Seu nome era Midas e ele passou a questionar o dom recebido de Deus. Afinal, nem só de riqueza vive o homem. E de nada adiantava transformar comida em ouro se isso o impedia de se alimentar e viver. Pois no interior do Mato Grosso vive um outro Midas mais moderno e consciente. Gilson Gomes Camboim tem 39 anos, nasceu em Jandira, na grande São Paulo, e conseguiu o improvável: transformou os impactos ambientais da lavra do ouro em árvores, rios e tanques para a criação de peixes. Com isso, transformou garimpeiros em defensores do meio ambiente e construiu um futuro dourado para a Cooperativa dos Garimpeiros do Vale do Rio Peixoto (Coogavepe).

Casado, pai de dois filhos e de uma enteada, Camboim não torce para times de futebol (acreditem!), adora caminhadas, veste-se de forma discreta e frequenta a Igreja Presbiteriana. Porém uma informação acerca de Camboim reina sobre todas as outras: ele trabalha muito. Prova disso é que, somente durante a produção dessa reportagem, ele esteve em dois estados, passou por três cidades e ainda realizou um sem número de reuniões na cooperativa. Em apenas três dias, passou por Cuiabá (MT), Peixoto de Azevedo (cidade sede da Coogavepe) e foi até Ariqueemes, em Rondônia, participar de um seminário sobre, claro, mineração.

Nesse corre-corre, ele ainda arranhou tempo para responder (por telefone, e-mail e

WhatsApp) às perguntas desse repórter, apesar de não gostar de falar sobre si mesmo. “O que importa é a cooperativa e o trabalho que ela desempenha junto aos cooperados”, disse, repetidas vezes. Gilson – cujo segundo mandato consecutivo à frente da Coogavepe vai até 2020 – faz questão de ser uma pessoa comum, do tipo “gente como a gente”. E ele é isso mesmo, embora os 5.200 garimpeiros cooperados da região, no interior do estado, considerarem-no um homem “acima da média”. Para eles, Gilson é um líder capaz de transformar suas vidas, proporcionando-lhes respeito junto à comunidade, melhores condições de trabalho e, de quebra, desgrudando-os do velho estigma de causadores de danos ao meio ambiente.

Com Gilson, os garimpeiros aprenderam a valorizar – ainda mais – a lavra com responsabilidade ambiental. Uma visão bem diferente de como o garimpo era historicamente visto, com centenas de homens-formigas causando erosões, despejando mercúrio em rios e destruindo a natureza, tal como ocorria na extinta Serra Pelada, no interior do Pará. Felizmente, tudo isso é passado, acreditam os cooperados da Coogavepe, sempre de olho no futuro. Para eles, a terra e os rios merecem respeito e são lavrados com cuidado e muita atenção. E, graças à aplicação dessa metodologia – e, por que não dizer, “ideologia de vida” –, a Coogavepe representa um projeto de crescimento e aprimoramento do setor mineral no Brasil e no estado do Mato Grosso. ►



► Hoje, a cooperativa beneficia mais de 15 mil pessoas, além dos próprios garimpeiros e de seus familiares. “Somos comprometidos com o crescimento econômico, social e ambiental de toda a região. Para nós, não basta trazer retorno para os cooperados, é preciso trazer retorno para toda a sociedade”, explica o presidente da Coogavepe, cooperativa que atua em sete municípios. Além da sede, em Peixoto de Azevedo, os braços da Coogavepe estendem-se por Guarantã do Norte, Matupá, Terra Nova do Norte, Nova Guarita, Novo Mundo e Nova Santa Helena.

GARIMPO CONSCIENTE

A região na qual a Coogavepe está situada é a maior produtora de ouro do Mato Grosso. Somente este ano, espera-se extrair da terra 8 toneladas de ouro do solo e dos leitos dos rios. Em 2016, foram 7,5 toneladas. O curioso é que esse aumento acontece justamente porque os garimpeiros vinculados à cooperativa se dedicam não só ao crescimento e ao desenvolvimento da extração mineral, mas também à proteção do meio ambiente. Os resultados vieram a galope: os cooperados passaram a ter uma vida mais saudável, as condições de trabalho melhoraram, o meio ambiente foi recuperado e a população passou a respeitar e a valorizar o garimpo. Na sequência, os resultados da ação foram divulgados em emissoras de rádio e televisão e apresentados em muitas reuniões, o que ajudou a popularizar a ideia.

“Com esse trabalho, fizemos com que todos os garimpeiros passassem a querer exercer sua atividade com consciência ambiental para obter bons resultados”, conta Gilson. Nesse sentido, ele enviou funcionários da cooperativa a campo para orientar os garimpeiros e estimular a adoção de boas práticas ambientais. Tudo para mostrar aos trabalhadores que uma lavra bem realizada

e uma recuperação ambiental consciente só geram benefícios para a comunidade e, consequentemente, para a cooperativa. “Quando a recuperação ambiental é responsável, abrem-se mais oportunidades, conseguimos mais respeito junto à população e aos parceiros”, diz o líder da entidade criada, em dezembro de 2007, por 23 garimpeiros. O hoje presidente da Coogavepe só se tornou um cooperado em 2009, quando, de fato, passou a entender as vantagens desse negócio chamado “cooperativismo”.

Tudo aconteceu quando a Companhia Mato-Grossense de Mineração (Metamat), ligada à Secretaria de Desenvolvimento do estado, apresentou à “classe garimpeira” a oportunidade de eles poderem contar com um corpo técnico para atendê-los nos processos de legalização da atividade. “A partir daquele momento, os garimpeiros se uniriam e criariam a cooperativa. Assim poderíamos ter nossas áreas e licenças, com uma equipe técnica dando o suporte e orientação”, lembra ele, que também é representante do Ramo Mineral na Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB). Com o apoio da Metamat, uma empresa de economia mista, os trabalhos da Coogavepe passaram a ter constante aperfeiçoamento, voltado para modelos em que se respeitam os aspectos social, ambiental e econômico do garimpo. “Sempre buscamos preencher lacunas do setor mineral e atender às necessidades da sociedade, mas é importante que esse trabalho também represente a sustentabilidade esperada pela comunidade”, ensina.

LEGISLAÇÃO AMBIENTAL

De acordo com as novas leis da mineração, o garimpo abre espaço essencial para o cumprimento da legislação ambiental no que se refere à recuperação da área degradada. Isso é feito por meio de projetos de

Para nós, não basta trazer retorno para os cooperados, é preciso trazer retorno para toda a sociedade.

Gilson Camboim

reflorestamento, piscicultura e fruticultura. Em vez de somente recompor o solo e a vegetação nativa, a Coogavepe estimula a criação de peixes e o plantio de árvores frutíferas, como cacau, açaí, limão, pequi e goiaba, por exemplo. São novas atividades econômicas que surgem em benefício da comunidade, a partir, creiam, do garimpo.

Por falar em economia, a cooperativa possui uma participação de 0,3% do ouro comercializado, atingindo um rendimento próximo aos R\$ 130 mil mensais. Em 2016, a região produziu 7,5 toneladas de ouro, o equivalente a uma movimentação financeira de aproximadamente R\$ 900 milhões, que aquece a economia dos municípios produtores.

“Todos os nossos cooperados moram aqui mesmo, na região, e reinvestem o lucro em suas comunidades. Atualmente extraímos apenas ouro, mas alguns de nossos cooperados já vêm realizando extração de areia e pedra seixo”, conta. “Temos buscado ampliar os trabalhos, de maneira compatível com o volume das receitas obtidas, mas, mesmo assim, ainda temos muito o que melhorar e implantar”. Para isso, o presidente da Coogavepe conta com o apoio do que chama de “bons parceiros”. Caso das prefeituras, OCB, Metamat, universidades e também da Associação Nacional do Ouro (Anoro).



ROTINA DE MUITO TRABALHO

O trabalho da cooperativa – aliado ao esforço dos parceiros e, principalmente, da labuta diária dos garimpeiros – é responsável pelo alcance de números impressionantes. Segundo Camboim, o ano de 2016 representou uma alta de 75% na mineração da região. Aliás, 75% da economia de Peixoto de Azevedo gira em torno da extração mineral. Nessa toada, Mato Grosso ocupa a primeira posição no ranking de exportação e extração de diamante no Brasil, segundo o relatório anual de lavra do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM-MT), e lidera a produção de ouro destinado ao mercado financeiro. Desse montante, mais de 50% têm origem nos garimpos.

Um trabalho que não é fácil. Afinal, a rotina em um garimpo não é para os fracos. Nem de corpo, muito menos de espírito. A mecânica da atividade começa com o reconhecimento da área a ser lavrada. Depois, há a abertura da cava e a separação do material orgânico (parte superior do solo que contém o banco de sementes) e do cascalho (parte que contém o ouro). Os garimpeiros fazem a drenagem do cascalho para uma caixa (chamada de “bica canadense”), onde o ouro será concentrado. Esse material é levado para um tanque para a separação final do ouro. ►

► Na sequência, é feita a “queima”, para retirar as impurezas e o mercúrio. Pronto! O produto de todo esse trabalho já pode ser vendido. A cava utilizada na extração é fechada com o material que vem da próxima cava. No processo, o material orgânico que foi anteriormente separado é reposto para proporcionar agilidade de recuperação. Esse é um processo básico, mas a extração se dá de diversas maneiras, a partir das particularidades de trabalho de cada garimpo.

E Gilson conhece bem essa rotina. O presidente de cooperativa que curte assistir a filmes no Netflix, nos fins de semana, com a família, já garimpou e também tem seu próprio garimpo. Ou seja, é acostumado a colocar a mão na massa, digo, na terra, em busca de pó ou pepitas de ouro. “É uma experiência empreendedora, que exige muito planejamento. Eu sei como é esse trabalho duro e confesso ser uma experiência inexplicável estar participando do crescimento de um setor inteiro. A classe garimpeira vem ajudando a construir nosso país desde a época dos bandeirantes – que também eram garimpeiros –, mas sem exigir reconhecimento, sem ter reconhecimento. E, apesar dessa luta, os garimpeiros ainda são muito criticados”, desabafa o presidente da Coogavepe, que, além de pensar em estratégias comerciais no presente, tem planos para o futuro, quando deixar a presidência da cooperativa.

COMERCIALIZAÇÃO DE MINÉRIOS

Após completar os seis anos – cada mandato é de três anos – liderando os mais de cinco mil garimpeiros de sete municípios

de Mato Grosso, o marido da administradora de empresas Francieli Minetto Camboim, pai de Lincoln Patrick, 18 anos, Julia Catarina, 16, e Felipe Minetto, 12, pretende continuar na área de extração mineral. Se possível, na comercialização. Disso ele também entende bem.

O ouro extraído da terra mato-grossense – único metal garimpado pelo povo da cooperativa – é vendido para o mercado financeiro por meio das Distribuidoras de Títulos e Valores Mobiliários (DTVM), em um trabalho diário. A região possui cinco distribuidoras que negociam o fruto da produção dos cooperados. “Dessa forma fomentamos a concorrência, fazendo com o que o preço seja o mais alto possível ao nosso produto”, explica Gilson. Uma boa estratégia. Afinal, o ouro, um ativo financeiro, possui oscilação diária. A relação com os compradores de minérios é marcada pelo diálogo e parceria, mesmo em um cenário de concorrência no dia a dia.

Por falar em dia a dia, Gilson costuma acordar cedo e ir para a cooperativa, onde fica horas e horas, tomando decisões, fazendo parcerias e participando de reuniões. No final da tarde – às vezes, quase à noite –, ele volta para sua casa para ficar com a família. Nos fins de semana é a ela, à família, que ele dedica seu tempo. Juntos, participam de trabalhos sociais, passeiam pela região, vão a rios e propriedades rurais. E, claro, fazem viagens. “Amo viajar a lazer, principalmente para Nobres, Alter do Chão e Chapada dos Guimarães, em Mato Grosso, além de Caldas Novas (GO) e outros lugares “diferentes”. Alter do Chão é um lindo local com praia de água doce”, conta. Ideal para Gilson e sua turma descansarem

No Brasil estão registradas no Sistema OCB

80

cooperativas do ramo mineral

74

mil cooperados, que, geram mais de

230

mil empregos diretos.

a mente depois de dias sempre atarefados, na luta para dar dignidade e melhores condições de vida para si mesmos e para as 15 mil pessoas que dependem do garimpo do ouro na cooperativa da região. Um garimpo sustentável, que fique claro.

Não à toa, a cidade de Peixoto de Azevedo vem prosperando a olhos vistos, num crescimento constante, não muito acelerado, mas com economia aquecida. É que cerca de 70% de sua economia vem da atividade mineral. “O município recebeu cerca de R\$ 4,5 milhões do IOF-Ouro e mais de R\$ 900 mil do CFEM (Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais) no ano passado. Os demais municípios também receberam um bom dinheiro, porém com participação menor na distribuição, de acordo com o resultado da extração do ouro”, declara Gilson. Peixoto de Azevedo tem uma população de formação mista, com pessoas oriundas de todas as partes do País. “Você precisa vir conhecer a cidade. A população é muito acolhedora e tem um senso de companheirismo forte”, elogia.

POPULAÇÃO ACOLHEDORA

Terra de população acolhedora e trabalhadora. A classe garimpeira local é muito prática e o objetivo de Gilson e da Coogavepe é mostrar os bons resultados obtidos pelos cooperados e proporcionar sucesso aos que já fazem parte do grupo, para servir de exemplo aos demais, aumentando a união e a participação dos garimpeiros. “Faço o mesmo para com as demais cooperativas de nosso setor. Apresento as ações em que tivemos sucesso para que as outras cooperativas possam implantar também. E mostro os pontos em que erramos para que eles não cometam os mesmos erros”, ensina.

E parece que o trabalho tem tido mais acertos que erros. Tanto é assim que a Coogavepe

ficou em primeiro lugar, no ano passado, na categoria Desenvolvimento Sustentável do prêmio “Cooperativa do Ano” – SomosCoop, organizado pela OCB. O prêmio foi concedido graças ao programa Cidade Verde, que tem o objetivo de reflorestar as áreas de garimpo. A premiação, claro, teve alta relevância, pois a atividade garimpeira é vista como uma atividade de degradação da natureza, principalmente porque a extração do ouro é feita no solo e em leitos de rios. O prêmio é a prova de que é possível realizar a extração e projetar sustentabilidade no chamado pós-atividade, além de ampliar o envolvimento da sociedade na preservação do meio ambiente.

“Cada boa ação que realizamos tem a força de uma semente que poderá proporcionar à humanidade outros resultados positivos. Por isso vale a pena fazer o que é certo, mesmo quando ninguém esteja fazendo. É como disse Mahatma Gandhi: “Seja a mudança que você quer ver no mundo”, define Gilson Camboim, que não faz mais do que sua obrigação ao atuar junto aos cooperados, principalmente porque ele acredita que todos têm compromisso com a atividade que escolheram para suas vidas. Melhor ainda se esse guerreiro atua por meio da Permissão de Lavra Garimpeira, desenvolvendo tal atividade. Caso contrário, não é garimpo, trata-se de um minerador ilegal. E, pior, em grande parte dos casos, sem se preocupar com o meio ambiente. Justamente o contrário da realidade vivida pelas comunidades que fazem parte de uma certa cooperativa de Peixoto de Azevedo. ■





“

O Prêmio SESCOOP Excelência de Gestão foi criado para valorizar o trabalho sério e comprometido das cooperativas brasileiras, que fortalecem a economia local por meio da geração de emprego, renda e da preservação.

”

Márcio Lopes de Freitas

Presidente do Sistema OCB



“

Ser, por 25 anos, a marca de plano de saúde mais lembrada pelos brasileiros é uma grande honra. Já a conquista da categoria Saúde, logo em sua estreia, foi uma superação. Esse reconhecimento é resultado de um intenso trabalho para a homogeneidade das mensagens em todas as 347 cooperativas que atuam sob a marca Unimed.

”

Darival Bringel de Olinda

Diretor de Desenvolvimento de Mercado da Unimed do Brasil, confederação que representa institucionalmente as cooperativas Unimed.

“

Historicamente, os países mais poderosos eram os que tinham os melhores exércitos. Ou seja, formavam grupos com um interesse em comum e sabiam como se comportar para obter cada vez mais conquistas. Assim é o cooperativismo, que viabiliza a mudança por meio da união de forças.

”

Max Gehringer,

Palestrante e colunista da rádio CBN na área de recursos humanos.



saber
cooperar



O que para alguns é um número,
para o **cooperativismo**, são milhões
de brasileiros sendo beneficiados.



As nossas cooperativas participam com **48% de toda a produção agropecuária brasileira**.

Resultado do trabalho de **1.555 cooperativas** e mais de **1 milhão de cooperados** que, além de enriquecerem a mesa dos brasileiros, melhoram a vida de milhares de produtores rurais e trabalhadores. No cooperativismo é assim, um resultado só é bom de verdade quando ele é bom para todos.

Venha saber mais sobre o cooperativismo em
www.somoscooperativismo.com.br